

ANL

**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**

ANL

**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**

Nº 38 Vol. 50
Natal/RN, jan-mar/2014

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor:

Manoel Onofre Jr.

Editor:

Thiago Gonzaga

Diagramação e capa:

CJA Edições

Ficha Catalográfica:

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – V.1, n.1
(mar. 1951 -). - Natal: Offset, 1951 - .

Irregular.

Número atual: v.38, n.50, jan./mar.2014.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-Rio-Grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

ÍNDICE

ARTIGOS

| | |
|---|----|
| As aventuras de Câmara Cascudo Repórter | |
| <i>Diógenes da Cunha Lima</i> | 09 |
| Cascudo & Cinema | |
| <i>Anna Maria Cascudo Barreto</i> | 19 |
| A Universidade do Seridó | |
| <i>Diógenes da Cunha Lima</i> | 21 |
| IHGRN - Novo rumo, novo prumo | |
| <i>Valério Mesquita</i> | 23 |
| Lembrando a medicina no tempo | |
| <i>Jahyr Navarro</i> | 25 |
| Federação da Cultura | |
| <i>Jurandyr Navarro</i> | 29 |
| Tradição em transição: Othoniel Menezes, rumo ao Modernismo | |
| <i>Thiago Gonzaga</i> | 33 |
| Um contador de histórias | |
| <i>Manoel Onofre Jr.</i> | 43 |
| Pedro Vicente partiu | |
| <i>Lívio Oliveira</i> | 47 |
| Varal das Lembranças. Os livros da minha iniciação: Infância | |
| <i>Pedro Vicente Costa Sobrinho</i> | 49 |

POESIAS

| | |
|---|----|
| Elegia para Pedro | |
| <i>Nelson Patriota</i> | 57 |
| Nascimento do lírico | |
| <i>Paulo de Tarso Correia de Melo</i> | 59 |

| | |
|---|----|
| Capitão J. da Penha <i>Jarbas Martins</i> | 63 |
|---|----|

CONTO

| | |
|---|----|
| Cheiro de medo <i>Iaperi Araújo</i> | 67 |
|---|----|

NOVOS ACADÊMICOS

| | |
|---|----|
| Discurso de saudação ao Acadêmico Benedito Vasconcelos Mendes, por Ernani Rosado | 73 |
|---|----|

| | |
|---|----|
| Discurso de posse do Acadêmico Benedito Vasconcelos Mendes | 81 |
|---|----|

| | |
|---|----|
| Discurso de saudação ao Acadêmico Paulo Bezerra, por Ernani Rosado | 99 |
|---|----|

| | |
|---|-----|
| Discurso de posse do Acadêmico Paulo Bezerra | 109 |
|---|-----|

NECROLÓGIOS

| | |
|--|-----|
| Enélio Lima Petrovich <i>Jurandy Navarro</i> | 121 |
|--|-----|

| | |
|--|-----|
| Pedro Vicente, uma saudade <i>Anna Maria Cascudo Barreto</i> | 125 |
|--|-----|

Artigos

As aventuras de Câmara Cascudo Repórter

*Diógenes da Cunha Lima**

 Luís da Câmara Cascudo é reconhecido por obras fundamentais como “A História da Alimentação” ou “Civilização e Cultura”, que exemplificam sua minuciosa atuação como etnólogo. Ele deixou como legado uma rica prosa em dezenas de livros, com ritmo ágil e uma intimidade divertida e doce ao falar do cotidiano brasileiro. Mas o que poucos sabem é que o mestre Cascudo começou como jornalista, aos 18 anos de idade, quando seu pai, o Coronel Francisco Cascudo, fundou um jornal para que o filho escrevesse. Nunca mais abandonou tal atividade, publicando artigos e relatos no “Diário de Pernambuco”, “Folha de S. Paulo” e diversos outros periódicos mundo afora. Para ele, o repórter deveria ter toda liberdade ao fazer suas entrevistas, perguntando o que bem entendesse e relatando o que ouviu de acordo com sua visão dos fatos. Quando assumia o papel de entrevistado, por vezes chamava com humor os jornalistas de “meliante” (ou seja, aquele que não trabalha, malandro, vadio).

Nos primeiros anos da década de 1920 do século passado, Câmara Cascudo entrevistou Raimundo Nonato Pereira, natural de Acari, atleta, vitorioso em campeonatos de remo e natação. Durante a Primeira Guerra Mundial, ele se encontrava na Inglaterra, estudando e participando de campeonatos, ao viajar no

transatlântico “Amazon” - que contava na ocasião com apenas 24 passageiros -, naufragou, quando a embarcação foi torpedeada na costa da Irlanda por um submarino alemão, em 15 de março de 1918, afundando em 15 minutos. No final do século XIX e primeiras décadas do séc. XX, a Grã-Bretanha era a maior potência mundial de navios de guerra, transformando inclusive alguns barcos de R.M.S.P. (Royal Mail Stean Packet - ou Mala Real Inglesa -, com serviço para a Costa Leste da América do Sul) para esse fim. O “Amazon” foi um deles. O primeiro foi lançado ao mar em 3 de janeiro de 1882, pegou fogo na Baía de Biscoia, causando 105 mortes. Em 1906, um novo “Amazon” surgiu, transformado em 1911 em cruzeiro de luxo, fazendo o verão na Europa e a rota de ouro e prata. Comportava 870 passageiros, sendo 300 de primeira classe, 70 de segunda e 500 de terceira. O submarino germânico responsável pelo final trágico do “Amazon” terminou por ser bombardeado e afundado pelo contratorpedeiro H. M. S. Moresby, que resgatou nove tripulantes alemães.

Toda essa perigosa aventura foi narrada detalhadamente na matéria “Desventuras da Guerra”, de autoria de Luís da Câmara Cascudo, que terminou por se perder. Quase um século depois, resgatada por Luizinho Bezerra, passou para as mãos de um sobrinho do acariense entrevistado, Haroldo Pinheiro Borges, também cunhado de Chicó Pinheiro, o “Senhor das Queimadas”, e irmão de Dona Zefinha. Haroldo transferiu o material jornalístico precioso para a presidência da Academia Norte-riograndense de Letras. Por fim, publicamos o relato na íntegra:

Desventuras da Guerra - Luís da Câmara Cascudo

As desventuras da Guerra constituem hoje o nosso principal assunto. O que publicamos é uma interessante INTERVIEW com RAIUMUNDO PEREIRA, filho do nosso amigo Cel. Joaquim da Virgem Pereira, natural do Acari, estudan-

te de Comércio em “DOLLAR ACADEMY”, na Inglaterra, onde se demorou quatro anos e meio e que chegou a esta capital sexta-feira última, via Recife, pelo trem horário da Great-Western. Sabedores de que aquele nosso coestadano aqui se achava apressamo-nos em visitá-lo ao domingo para que pudéssemos publicar, ouvindo de sua boca a história da catástrofe a que, com felicidade escapou juntamente com os seus companheiros de viagem e toda a tripulação do paquete torpedeado. É que tivemos o intuito de dar aos nossos leitores uma notícia circunstanciada e original do triste acontecimento já mais ou menos conhecido através da leitura das folhas que se ocuparam do fato.

RAIMUNDO PEREIRA tem dezenove anos de idade. É um belo tipo de homem forte, musculoso e portador de uma educação que se vai esmerando mui pronunciadamente, a qual foi adquirida quase que somente naquele elevado centro anglicano. Falou-nos com o seu sotaque britânico, vibrado sem pedantismo.

Saímos de Liverpool, direto para Pernambuco, quinta-feira, 15 de março, às 15 horas. O “AMAZON” conduzia vinte e quatro passageiros para o Brasil, entre os quais, do Rio Grande do Norte, eu e o Luiz Veiga Filho. Viajamos sem novidade, por uma tarde ameníssima. A noite veio e passou-se sem que se registrasse coisa alguma de anormal.

No dia seguinte, na sexta-feira, íamos à altura da Irlanda, a duzentas milhas de sua costa, ao norte. Eram 9 e 45 da manhã. Tínhamos acabado de almoçar e permanecíamos no convés. Eu palestrava, tranquilamente, reinando entre nós todos essa alegria que você sabe existir na convivência, a bordo. De repente, sentimos um tremendo choque. Desenrolou-se imediatamente, o pânico, natural nesses instantes difíceis, mui especialmente em um naufrágio.

O jovem interlocutor deixou escapar dos lábios um expressivo suspiro, como que se desafogando de uma lembrança cruel, e continuou.

Oh! Meu caro, você não avalia como foi opressiva aquela emergência se as pode descrever. O homem que a experimente chega a perder a luz da razão. Ouça-me, não me lembrei nem do bom Deus.

E entre parênteses acrescentou:

-É por isso que aquele que o não conhece, também não possui essa luz miraculosa, é um louco, é... um naufrago de outra espécie.

Em seguida ao choque sobreveio uma medonha explosão. Tudo estava perdido. Começamos, nós passageiros, a correr de um lado para outro do convés, gritando desesperadamente, dizendo não sei o que...

-E tiveram logo a ideia do que se tratava?

- Não. Eu lhe não afirmei que ficamos loucos? Quanto a mim, milagrosamente, posso dizer assim, acalmei-me um pouco e me lembrei de descer ao meu camarote, afim de tirar de lá meu salva-vidas. Qual não foi, avalie você, o meu susto, quando uma vez embaixo, tudo se tornou escuro, em virtude de se haver arrebentado, sem dúvida, a usina elétrica do "AMAZON".

- A aquela hora havia luz?

-Sim, os camarotes dos transatlânticos, os que não deitam para bombordo, são iluminados durante o dia, por causa, não somente do frio, como também, porque, devido às conformidades do paquete, tudo ali são trevas em plena luz solar. E mais: escute, canos se arrebentando também, começaram a jorrar água quente por toda parte queimando-me todo. Perdi então a esperança de encontrar o meu salva vidas. Foi um suplício infernal. Aconteceu-me uma tremura e comecei a morrer. De nada mais me lembrei outra vez. Assim mesmo, dei com uma escada que subi OU QUE ME FIZERAM SUBIR. Vi o dia, tomei alma, esbarrei-me com os companheiros que continuavam na mesma balbúrdia, agora à procura de escaler, fui

para o meu. Neste haviam de embarcar vinte pessoas, inclusive o respectivo comandante que segundo estava previamente determinado quando partimos de Liverpool. Entre essas vinte pessoas encontrava-se o Cônsul argentino em Londres, Sr. H.L. Mayer, que viajava com destino ao seu país. Sentei-me por detrás de um marinheiro. Este, havendo recebido uma contusão, não pode mais remar. Tomei-lhe o remo e o manejei até que fiquei exausto.

-Radiografou o “AMAZON” no momento do perigo?

-Sim. Estávamos vogando a espera do socorro. De repente, avistamos no horizonte dois pontos negros.

Eram duas naus que a toda pressa vinham à nossa procura. Eram sem dúvidas, DESTROYERS ingleses.

-Uma vez no escaler tiveram a ideia do ocorrido, isto é, avaliaram o que tinha acontecido?

- Sim, fora não restava dúvida, um submarino que nos torpedeara pela popa.

- E o AMAZON?

-O AMAZON, o estávamos vendo a uma certa distância. A elegante nau se submergia, aos poucos. Parecia, havermos concedido tempo apenas para tomarmos o escaler, porque, apenas dele nos apoderamos, dentro de poucos minutos foi ao fundo, e na amplidão do oceano se ouviu um formidável estrondo acompanhado de uma pesada nuvem de fumo, de várias cores o que me representou a agonia de um gigante de aço à borda do abismo de seu tumulto verde. Foi o belo horrível do drama.

- Estavam todos tranquilos já?

-Que esperança! O nosso temor foi, então, com a suspeita de que emergisse o submarino inimigo e nos canhoneasse como é costume.

Isso, porém, não se deu, penso, devido ao fato de haver aquele

pressentido a aproximação dos DESTROYERS que chegaram logo.

Um desses DESTROYERS nos recolheu, enquanto o outro dava caça ao submarino. Este último DESTROYER lançou ao mar quatro bombas “Depitle” que conseguiram o desmantelo das máquinas de ar da perigosa arma naval.

Ao chegar o “monstro” à tona tratou logo de desfraldar sua bandeirinha branca, pedindo paz. Ora o amigo já viu tamanho cinismo.

E então?

- O nosso DESTROYER fez-lhe fogo incontinenti. A arma inimiga estava esfarelada, foi a pique tão rápido como um raio, se assim me posso exprimir.

- Os seus tripulantes... os alemães...

- Eram trinta e três ao todo. Desses morreram dezessete, escapando o resto. O DESTROYER em que eu me encontrava recolheu cinco, dentre os quais o comandante que embora não se achasse ferido, faleceu de comoção, sendo o seu cadáver atirado ao oceano, após a competente inspeção médica. O outro DESTROYER recolheu os onze náufragos restantes.

- Como receberam a bordo os náufragos do “AMAZON”?

- Com muito carinho. Vendo-nos molhados por completo, e tiritando de frio, nos fizeram tomar banho morno, deram-nos roupas, camas, refeição. Excelente tratamento tivemos.

Eram 6 horas da tarde.

Depois daquele triste incidente a nós causado pela audácia da raça alemã, quando tudo voltou ao seu estado normal, uma saudade da Pátria querida me despontou funda ao peito. Lembrei do Brasil que longe estava e, pela Terra da Santa Cruz; o amor intenso me reanimou as forças como a influência de um anjo benfazejo pairando diante de meus olhos, como a me abençoar, suspenso sobre as espumas do foffores-

cente da região líquida por onde a Inglaterra me conduzia a um porto seguro.

Seguiram...

Para a Irlanda... Desembarcamos em Londonferry.

- Depois...

Pelo Carneamia fui para New York onde desembarquei. Da Capital IANKEE vim pela Saga até ao Recife, onde desembarquei com a ânsia de abraçar meu pai que ali me esperava.

Hoje, bem vê conversamos juntos, longe, bem longe das coisas do Velho Mundo que ondeia na ambição e no orgulho.

Nesse instante o nosso jovem amigo foi chamado para o almoço, pegou-nos pelo braço e sorriu, fleumaticamente convidou-nos:

- If you please...

- Ao que retorquimos gostosamente: All right.

Em Natal trabalhou por largo tempo com o pai, no seu escritório comercial instalado no Bairro da Ribeira, à rua Frei Miguelinho, ajudando-o nos seus negócios de produção e exportação.

Adepto do remo, RAIMUNDO foi atleta do Centro Náutico Potengi, e destaque em todas as provas em que participou ao lado do capitão-tenente Anibal Leite Ribeiro, o maior incentivador do remo no Rio Grande do Norte e fundador do glorioso Centro Náutico Potengi (3/10/1915), de Solon Aranha, Antonio Duarte, Humberto Nesi, Silvino Lamartine, Julio Meira e Sá, Edgar Homem de Siqueira, Clóvis Lamartine, Angelo Pessoa, José Paes Barreto, José Elpidio dos Santos e Pedro Ferreira da Silva, atletas do CNP que muito lutaram pelo remo no Estado.

Em 17 de outubro de 1920, o Rio Grande do Norte, representado pelo Centro Náutico Potengi, esteve presente pela primeira vez ao Campeonato Brasileiro de Remo, realizado na

enseada do Botafogo, no Rio de Janeiro, com duas guarnições, sendo que naquele dia, a guarnição da Iole a 4 remos, composta por Anibal Leite Ribeiro (Patrão), José Paes Barreto (Voga), RAIMUNDO PEREIRA ou RAIMUNDO DAS VIRGENS como era mais conhecido na intimidade (Sota Voga), José Elpidio dos Santos (Sota Proa) e Pedro Ferreira da Silva (Proa), obteve o 3º lugar, ficando adiante de São Paulo (4º), Bahia (5º) e Pará (6º). Distrito Federal e Rio Grande do Sul foram os primeiros. A família ainda guarda algumas medalhas conquistadas em disputas memoráveis.

RAIMUNDO PEREIRA DE ARAÚJO, casou em Acari a 12/12/1922, com Julieta Bezerra da Nóbrega, nascida a 21/04/1898, neta do Cel. Silvino Bezerra de Araújo Galvão, incontestemente Chefe Político do Seridó e Vice-Governador do Estado, na República. Julieta com problemas cardíacos, faleceu em Campinas (SP), em 01/07/1970, e do matrimônio com RAIMUNDO teve os seguintes filhos: Maria de Lourdes, residente em Rio das Ostras (RJ), casou com o Eng. Nelson Meira de Vasconcelos, funcionário da Base Aérea de Parnamirim, já falecido; Elga e Jessy, solteiras e residentes em Campinas (SP); Margarida, casada com o médico pediatra José Ubarana, também residente em Campinas (SP) e Irecê, casada com o comerciante Moacir Dias de Melo, residente em Campinas (SP). Iberê e Francisca foram as filhas que tiveram morte prematura. Todos os filhos do casal RAIMUNDO e Julieta nasceram em Florânia (RN).

Com o falecimento do seu pai em 07/08/1932, RAIMUNDO foi residir em Florânia, para administrar mais de perto a sua propriedade “SACO DE FEIJÃO”, que ainda em vida, o Cel. Joaquim da Virgem lhe doara, como era do seu hábito presentear os seus filhos. “SACO DE FEIJÃO” tem no agropecuarista Wlademar Dantas, seu proprietário.

Em Florânia, RAIMUNDO residiu por mais dez anos, onde granjeou a simpatia da sociedade pelo fino trato, por sua operosidade e pela atenção maior pelos mais necessitados.

Durante o período do Estado Novo, RAIMUNDO PEREIRA, um homem simples, trabalhador e de caráter íntegro, foi nomeado pelo Interventor Rafael Fernandes Gurjão, para gerir os destinos da Prefeitura de Florânia, de 19/12/1937 a 19/08/1942, substituindo o Prefeito Clementino Araújo.

Naquele cargo, apesar de alguns anos difíceis em que as grandes secas assolaram a região, RAIMUNDO PEREIRA lutou desesperadamente para assistir aos flagelados, utilizando até mesmo os recursos próprios, que já não eram muitos.

Na sua gestão promoveu uma série de benefícios no seu Município, destacando-se: aquisição de transportes para remoção de lixo domiciliar na povoação de São Vicente.

***Diógenes da Cunha Lima** é poeta e escritor, presidente da Academia Norte-riograndense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

Cascudo & Cinema

*Anna Maria Cascudo Barreto**

inema é ciência, é arte, é técnica, é um somatório de magia. E quem entende mais da sabedoria popular, quem nos deixou uma obra gigantesca, ricas páginas de compreensão cristalina, repletas de ensinamentos precisos, de observação erudita e positiva no registro dos fatos do que Luís da Câmara Cascudo?

Pesquisando cientificamente a cultura popular, a poesia dos trovadores anônimos ou dos contadores de histórias, ouvindo locuções familiares, repetindo gestuais, cantando as cantigas de roda que nos falam ao coração porque vêm da nossa infância e das nossas raízes, Cascudo é, sem dúvida, pura arte cinematográfica.

Nenhuma imagem tem maior luminosidade do que a visão de uma jangada singrando as ondas do mar verde azulado, quando o sol está nascendo, pintando de ouro o céu e as águas se tornando douradas.

Todas as lentes do mundo captariam a força feiticeira de uma indígena dando a luz, sob a copa das árvores da floresta, o choro do novo brasileiro se misturando à sinfonia dos pássaros?

O foco de uma câmera será perfeito no balanço sincronizado da rede, invenção sábia dos nossos primeiros habitantes, tão cômoda ao corpo quanto o colo materno.

A formação técnica e audiovisual que Eugenio e Mateus distribuem aos seus felizes alunos, não poderia encontrar imagem

mais deliciosa quanto à rica culinária potiguar, tão estudada por Câmara Cascudo.

E as nossas danças típicas? Existe beleza mais colorida e musical do que o auto do bumba-meu-boi, as pastorinhas do cordão azul e encarnado do pastoril?

Nenhum autor policial ou especialista em terror lograria enredo mais original do que a passagem da mula-sem-cabeça, o trotar do lobisomem à meia noite, a descida da Cuca do telhado para nosso receio e fascínio.

Cascudo é cinema porque viveu a alma do povo intensa e profundamente.

Cascudo é cinema porque uniu os retalhos da nossa rica cultura popular no caleidoscópio mais brilhante, de cores inesquecíveis, estudando as manifestações essenciais do Brasil.

E quando a tela se ilumina, a música invade a sala e as figuras se movem, recordamos a vida e a obra do embaixador da cultura verde-e-amarela, Luis da Câmara Cascudo.

Natal, 15 de novembro de 2013

***Anna Maria Cascudo Barreto** é escritora, ocupante da cadeira nº 13 da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Presidente do Instituto Câmara Cascudo.

(Palestra proferida na primeira Mostra de Cinema de Gostoso, Heco Produções e CDHEC, 22 a 26 de novembro de 2013, Praia de Maceió, São Miguel do Gostoso).

A Universidade do Seridó

Diógenes da Cunha Lima

Movimentam-se as lideranças regionais para a criação da Universidade do Seridó. À frente estão a Igreja, os prefeitos da região, os intelectuais e educadores do porte de um Laércio Segundo de Oliveira. Nada mais justo, adequado, produtivo. Ao longo do tempo, a UFRN qualificou um excelente corpo docente em Caicó e Currais Novos.

O Governo Federal deu exemplo criando a Universidade Federal de Campina Grande e a Universidade do Semiárido em Mossoró.

Grandes homens o Seridó dá ao Brasil. Lembro o pioneiro administrativo Amaro Cavalcanti; o santo padre João Maria; o poeta e profeta Manoel Dantas, grande em ser, em saber, em prever; o político e educador brasileiro José Augusto; o produtivo líder Pe. Brito Guerra; o administrador e escritor Juvenal Lamartine; o monsenhor Walfredo Gurgel, humanista, líder cristão. Muitos, muitos outros fizeram a construção da identidade regional, da homogeneidade espiritual seridoense, como Dinarte Mariz, criador da UFRN. Lá no Seridó há luz, cor, calor e também uma forma de viver e de agir próprias do local. Há uma energia que, às vezes, excede as mais otimistas expectativas, com característica da personalidade regional, da sua fisionomia, sua imagem.

O Seridó é uma civilização solidária. Desde que consideremos civilização sob um ponto de vista conceitual menos amplo do que o aplicado, costumeiramente, à nação. Região desfavorecida pelo clima, nuvens e chão; é beneficiada pelo homem, sua vontade, sua decisão. E pelas bênçãos de Deus.

A civilização do Seridó é uma herança cultural que se baseia em vontade coletiva, impossível de ser medida. Tem, na base, suas propriedades rurais que são historicamente unidades autônomas. Com produção agrícola, de gado, e de peixes dos milhares de pequenos açudes cavados pela mão do homem.

Pesquisa realizada pela Universidade Federal de Pernambuco na região seridoense em nosso Estado, sob a orientação da professora Gabriela Martins Souto Maior, chega à conclusão de que o brasileiro mais desenvolvido está no Nordeste, notadamente no Rio Grande do Norte e precisamente no Seridó. A pesquisadora constatou isso a partir das pinturas rupestres nos sítios arqueológicos nos sertões seridoenses. Diz a Dra. Souto Maior “que há dez mil anos o homem vivia no Seridó em fase adiantada. Já entendia de navegação e fabricava redes de dormir, o que demonstra uma civilização bem adiantada”.

O Seridó constrói adesões ao seu código de conduta e ao respeito à terra. Sei de ciência própria, porque fizemos juntos, o Seridó e a UFRN, o Campus Universitário de Caicó, que seria orgulho para muitas universidades brasileiras. O Campus de Currais Novos também coleciona êxitos. A Universidade no Seridó nasceu não de agora, mas da primeira escola de latim e francês do padre Guerra, como nasceu dos grandes vultos do seu passado.

Penso que o pleito, imprescindível e urgente, é reconhecido por nossa Universidade Federal. Evidentemente, o mais alto patrimônio cultural do Norte e Nordeste do país apoiará a iniciativa. É a vez da união da classe política, de todo aquele que ama a cultura, o saber produtivo, enfim, dos que querem bem ao Rio Grande do Norte.

IHGRN – Novo rumo, novo prumo

*Valério Mesquita**

 tempo é a dimensão da mudança. O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte é o único bem que ficará após tudo o mais passar. Nele ingresso, eleito por aclamação dos confrades, numa atitude reverente àqueles que o criaram e aos dois últimos presidentes que me precederam: Enélio Lima Petrovich e Jurandyr Navarro da Costa. Não posso olvidar deles o exemplo e a dedicação que tiveram em manter a guarda e a segurança de tão valioso patrimônio. Não chego tão tarde assim. Por isso, não desconheço a magnitude que o novo desafio exige de mim. Sempre atuei em defesa de uma cultura comprometida com os princípios da preservação das riquezas históricas e artísticas do nosso estado.

O prédio foi construído por Augusto Tavares de Lyra, entre 1905 e 1906, na área nobre e histórica da cidade, vizinho a antiga catedral metropolitana e ao palácio do governo erguido por outro conterrâneo Alberto Maranhão. Tem frentes, tanto para a rua da Conceição como para a praça André de Albuquerque. É chão sagrado de antepassados. Bem próximo, está a praça padre João Maria, hoje, transformada num lastimável camelódromo. Ainda, ali perto, o museu Café Filho, a primeira construção assobradada, ainda do período colonial. E um pouco mais adiante, o sobradão clássico onde funcionou o Tesouro Provincial, hoje Memorial Câmara Cascudo e o Convento Santo Antonio, todos monumentos tombados pelo Patrimônio Histórico. E com importância político-administrativo estão cravadas também nesse quadrilátero de ocorrências históricas as sedes atuais dos Poderes Legislativo e Judiciário.

Venho encarecer a atenção das excelentíssimas autoridades

para os cuidados que essa contextura patrimonial, histórica, turística, representa para Natal nos dias de hoje, quando a capital será palco de assinalados eventos de envergadura nacional e internacional em 2014. Os prédios, as praças, a iluminação pública ao redor, necessitam de paisagismo compatível como berço da cidade dos Reis Magos. Nesse território emocional e domínio de reminiscências inapagáveis imperam o lixo, a predação a escuridão, o abandono e a insegurança. Urge, para essa área, um tratamento diferencial e seletivo de ressurreição de ambiente.

E o Instituto Histórico pobre mas ativo, é o capataz dos mistérios circundantes, há cento e onze anos – a completar no dia 29 de março. Ele permanece como guardião do mais importante acervo histórico do estado. Agora, eu indago, deve continuar abandonado? Ele detém a guarda de todas as leis e decretos de governo de 1835 a 1952, documentos de demarcação de terras de 1615 a 1807, sesmarias de 1702 a 1716 e de 1748 a 1754. O livro de Barleus, no qual Gaspar Van Barle descreve oito anos de governo holandês de Maurício de Nassau, de 1647, bíblias antigas, bibliotecas, mapas geográficos, objetos de museus, versos, manuscritos e registros eclesiásticos, fotografias de personagens da história política, social e cultural, jurídica e religiosa do Rio Grande do Norte de cem a trezentos anos passados desde os períodos: colonial, imperial e republicano.

É urgente fazermos a digitalização documental, a climatização da sua sede, com a restauração da rede elétrica interna e a inadiável recuperação física do imóvel.

Não existe outra maneira de salvar tudo sem apoio resolutivo, dos órgãos governamentais, das instituições privadas e da sociedade de modo geral. Esse patrimônio que estamos guardando, protegendo, é público, é da história, é do povo do Rio Grande do Norte.

* **Valério Mesquita** é escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Lembrando a medicina no tempo

*Jahyr Navarro**

oda doença nasce em silêncio. Seja pela ação de germes, substâncias nocivas ou por causas imperceptíveis que se processam nas células do organismo. É a enfermidade em marcha. Em algum momento; algo acontecerá e chamará a atenção da pessoa: uma febre, falta de ar, ou uma pequena hemorragia. A presença dessa anormalidade desperta uma preocupação, que mais cedo ou mais tarde, um médico ouvirá essas queixas. Ele, então, traduzirá para si tudo aquilo que viu, ouviu e examinou e indicará o tratamento adequado para o quadro clínico que presenciou.

Não há texto algum registrando o nascimento da medicina. A necessidade de tratar a doença antecede em muito o aparecimento da escrita. Assim, como os bardos passavam às gerações seguintes os conhecimentos adquiridos, a medicina se fez pela somação da prática médica numa vivência de muitos e muitos séculos. Assim mesmo, nada sabemos daqueles que primeiro enfrentaram a enfermidade, o sofrimento e a morte.

Apenas, é do nosso conhecimento que a medicina chinesa e a egípcia é das mais antigas. Mas, como o estudo em cadáveres era proibido, eles não tinham o conhecimento preciso de anatomia. Entretanto, foram os chineses os primeiros a introduzir a variolização, para tanto, pulverizavam as crostas da pele do doente e introduziam nas narinas da pessoa a ser protegida da doença. Narina esquerda para o sexo masculino e narina direita para o feminino. Mas, foi com acupuntura que a medicina chinesa se tornou famosa no mundo inteiro com agulhas de ouro, prata e de ferro, que eram inseridas nos cerca de 365 pontos vitais da superfície corporal do doente.

A medicina hindu representava uma combinação de práticas racionais com outras de natureza mística. O diabetes era diagnosticado pelo sabor adocicado da urina; as fezes, vômitos e o escarro, eram meticulosamente estudados. Além disso, o médico tinha de estar atento aos sinais de bom ou mau presságio, fornecidos pela natureza, tais como o vôo dos pássaros. Como o corte do nariz era um castigo penal comum, os cirurgiões hindus desenvolveram técnicas cirúrgicas de reconstrução do apêndice nasal com muito sucesso. Praticavam ainda as cesárias, cataratas e por razões óbvias, eram hábeis no tratamento dos acidentes ofídicos.

Já na mesopotâmia a doença era tida como um castigo imposto pelos deuses aos pecadores. Os demônios encarregavam-se de proporcionar os males específicos: *Nergal*, trazia a febre. *Namtaru*, dor de garganta e *Tiu*, dor de cabeça. Os médicos se dividiam em três categorias: *Baru*, encarregava-se dos procedimentos divinatórios. *Ashipu*, realizava o exorcismo e o *Tiu*, fazia as curas propriamente ditas.

Na medicina grega temos Hipócrates, considerado o pai da medicina. Nasceu na ilha de Cós, por volta de 460 a.C. e deixou 412 aforismos. Há dúvidas, sobre a autoria de alguns dos escritos a ele atribuídos. Eis o seu primeiro aforismo: - “A vida é curta, a Arte é longa, a ocasião fugidia, a experiência enganosa e o julgamento difícil”. É uma constatação melancólica, mas, muito realista numa época em que o diagnóstico dependia exclusivamente da capacidade de observação do médico. A anamnese ou história clínica, era completada pelo exame físico, conhecido como *sucussão hipocrática*, que consistia em sacudir o doente - como se sacode uma garrafa - para verificar se existia líquido no interior do tórax. Também curavam-se algumas doenças oculares esfregando uma aranha esmagada no olho do doente.

A antiga Igreja Católica era contra os médicos, pois acreditava que a doença era evidentemente causada pelo pecado e o tratamento se resumia numa oração, jejum e no arrependimen-

to. Os santos dirigiam o corpo. Santa *Blaise* se encarregava da garganta, santa *Brígida*, dos olhos, São *Lourenço* das entranhas e São *Erasmus*, das costas. O primeiro transplante foi realizado pelos santos gêmeos *Cosme* e *Damião*, que substituíram a perna ulcerada de um homem branco, pela de um negro recentemente falecido. Eles foram decapitados em 303 d.C.

Em 1482 o papa Sisto IV emitiu uma bula permitindo a dissecação de cadáveres humanos, desde que as autoridades eclesiásticas estivessem de acordo. Isto contribuiu e muito para a criação dos centros ou escolas médicas. A escola de Salerno, na Itália, foi o primeiro centro de excelência médica, suplantado muito depois pela escola Montpellier, na França, que produziu o primeiro e único papa médico: João XXI.

Leonardo da Vinci passou muitas noites no necrotério de Santo Spirito, em Roma, dissecando cadáveres e registrando suas observações sob forma de memoráveis desenhos. Ele foi o primeiro a identificar o trajeto dos nervos cranianos. Mas, seu objetivo não era identificar estruturas anatômicas, e sim, obter subsídios para sua arte. Contudo, sua presença no Santo Spirito, marca um momento histórico: a Renascença que rompia o tabu do corpo morto.

Na Assustadora História da Medici-na, Richard Gordon inicia seu trabalho com um breve relato sobre a medicina no decorrer do tempo. - “500 d.C. - Coma esta raiz e você ficará são. 1000 d.C. - Raiz é coisa de pagão. Faça uma oração a Deus que está no céu. 1792 d.C. - Quem reina é a razão. Tome, pois, esta poção. 1917 d.C. - Poção não resolve. Tome este com-primido. 1950 d.C. - Comprimido não cura. Tome antibiótico. 2002 d.C. - Anti-biótico em excesso não é recomendável. Coma esta raiz e você ficará são.”

***Jahyr Navarro** é médico e escritor, membro da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte e do Conselho Regional de Medicina.

Federação da Cultura

*Jurandyr Navarro**

Há muito é propalado, nos espaços intelectuais, ter sido a Cultura, ao longo do tempo, relegada a plano secundário, pelos poderes públicos. Não deixa de ser, tal impressão, uma triste realidade. Os nossos políticos, salvante raríssimas exceções, desprestigiam a manifestação do Belo e as conquistas da Inteligência. Prova irrefutável desta asserção é a irrisória dotação orçamentária destinada aos bens culturais.

Reiterados apelos têm sido formulados pelas diversas instituições, no sentido de minorar esse estado de coisas. A vigente legislação de incentivo à publicação de livros, não atende a contento a clientela dos autores interessados.

Semelhante à Cultura nacional, cujos autores interagem em arquipélagos, nas regiões geográficas, somente se reunindo, fortuitamente, em congressos de números reduzidos, e feiras de livros, igualmente vivem as nossas entidades científicas e literárias, sem contato direto entre si. Essa falta de intercambio propicia a falência de seus projetos programáticos, por não serem auto-suficientes, tornando-as impotentes para reivindicarem o seu direito perante os círculos oficiais de uma sociedade divorciada do binômio - igualitária e fraterna - valorizando, apenas, o poder, o apadriamento dissimulado e o vil metal.

Há algum tempo que vinha germinando, na mente, a idéia da criação, em nosso meio intelectual, de uma Federação Cultural, a primeira no Brasil, em reunir todas as Instituições Culturais, qual manto protetor, que abrigasse todas elas em funcionamento - Academias, Institutos, Fundações, Conselhos, Museus, Memoriais e de outras designações, existentes no Rio Grande do Norte, relacionadas com a cultura em geral.

Uma sociedade, também, de direito privado, porém, de pa-

tamar hierarquicamente superior pela sua natureza jurídica, sem, contudo, tirar a independência interna das instituições-membros, a ela filiadas, cujos deveres e responsabilidades constam de seus respectivos estatutos e regimentos internos, nos moldes como funcionam, **ipso facto**, as federações classistas, esportivas e de outros gêneros.

Trata-se, em suma, de um organismo centralizador dos interesses superiores da Cultura, sendo sua Diretoria composta de integrantes representantes de todas as entidades culturais, formadoras do seu corpo social.

A oportunidade de exteriorizar a idéia surgiu durante o almoço de confraternização dos componentes da Academia de Letras Jurídicas do Rio Grande do Norte, ocorrido aos vinte e dois de dezembro próximo passado, 2010, prestigiado por cerca de trinta e poucos convidados. Em meio a outros assuntos de alguns circunstantes, como José Augusto Delgado, Diógenes da Cunha Lima, Zélia Madruga, Anísio Marinho, Anna Maria Cascudo, Armando Holanda, Luciano Nóbrega e Senhora, Ivan Lira e Senhora, Ribamar de Aguiar, Carlos Gomes e Senhora, Lúcio Teixeira, Arthunio Maux e Família, Odúlio Botelho, Camilo Barreto e Paulo Macedo e Senhora, lancei a idéia da criação da Federação da Cultura, após o belo discurso de Joanilson de Paula Rêgo e antes do lançamento do livro de poesia de Assis Câmara.

A semente foi lançada em terra boa.

Diógenes da Cunha Lima aplaudiu com o entusiasmo dos colecionadores de feitos memoráveis, tal o animus do conhecido lírico latino, cujo o pensamento, revestido de asas brancas, culminava as constelações.

E todos nós, dirigentes e associados de Institutos, Fundações, Academias, e demais agremiações congêneres, devemos nos contagiar do mesmo entusiasmo sadio em nome da cultura da nossa terra. As cousas nobres enriquecem o patrimônio cultural e histórico da boa gente potiguar, transmitindo seus bens às gerações porvindouras, que se beneficiarão de seus efeitos salutares.

A Federação representará as sociedades federadas nos as-

suntos de alta magnitude, de interesses comuns e mesmo isolados, dependendo de sua importância, junto a autoridades oficiais e outras. Advoga, outrossim, dificuldades de ordem cultural de entidades recém-criadas e de menores portes.

As mãos serão dadas e, dessa união fraterna, de co-irmãs, resultará a força geradora do espírito de luta, confiante e permanente.

A Governadora Rosalba Ciarlini promete criar a Secretaria de Estado da Cultura. Trata-se de um sonho, há muito acalentado, pelos intelectuais da gleba de Miguelinho.

Essa atitude, merecedora de aplausos, recebida qual dádiva do Olimpo, trazendo consigo uma devota do altar de Minerva: - Isaura Amélia Rosado!

A nova Pasta encontrará uma parceira fiel - a Federação da Cultura!

As formosas Graças - Aglaia, Eufrosine e Tália festejarão ao sabor do capitoso vinho, servido pela graciosa Hebe, adornada de reluzente avental, presente dourado por Hefesto.

Diógenes da Cunha Lima reúne, em sua pessoa, os requisitos indispensáveis para ser o Presidente da Federação das Instituições de Cultura do Rio Grande do Norte. Rico o seu **curriculum** concernente à área cultural, senão vejamos: Presidente da Fundação José Augusto, Secretário de Estado da Educação e Cultura, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, Membro-Nato do Conselho Estadual de Cultura e Presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, dentre outros títulos.

Esqueçam-se rivalidades, dominem-se fraquezas da humana espécie, pois “outro valor mais alto se alevanta”.

Unamo-nos, todos, em nome da Cultura!

Natal, 22 de dezembro, 2010

*Jurandyr Navarro é escritor, autor de vários ensaios, organizou a antologia do Padre Monte, entre outras. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ocupante da cadeira nº 28.

Tradição em transição: Othoniel Menezes, rumo ao Modernismo

*Thiago Gonzaga**

*Longos poemas sem rima nem métrica
indicam sua antecipação ao modernismo.*

Claudio Galvão

movimento modernista trouxe para a literatura brasileira o conceito de modernidade artística, a ideia de que a liberdade formal deveria levar em conta a concepção crítica da realidade do país e a linguagem seria parte integrante e ativa dessa realidade.

O modernismo desencadeou um processo de ruptura criativa em relação ao passado literário. Porém, como nada é criado a partir do nada, houve uma necessidade de se transformar a base artística literária no país, nesse caso uma transição. Segundo Alfredo Bosi (2003, p. 209), isso ocorre porque “a emergência de um novo é sempre um ponto nevrálgico para a história da literatura”, ou seja, é algo determinante, decisivo para o início de uma nova etapa, um novo ciclo.

Num jogo entre tradição e ruptura, (ruptura que, nessa perspectiva, coexiste dialeticamente com tal tradição), a prática literária do modernismo não se limitou a negar visceralmente o passado, mas procurou incorporar criativamente o que o passado possuía de válido e interessante. Diante dessa perspectiva iremos analisar alguns poemas de Othoniel Menezes, que irão provar a sintonia dele com o movimento que acontecia no sul do país no início dos anos 20 do século passado. Uma vez que, como nos mostra Bosi (2003, p.), quando a obra literária “dá uma aparência de novidade, é preciso determinar a área em que se operou o

desligamento e, ao mesmo tempo, o outro contexto que a tende a ligar-se ao fio despregado”.

O pioneirismo de Othoniel Menezes

De acordo com Bosi (2003), enquanto no sudeste do país o Modernismo despontava, o resto da nação brasileira parecia uma vasta província de Parnaso, algo realmente notório em quase toda a produção poética da época. Contudo, os literatos potigouares, liderados por Câmara Cascudo, também se tornaram conhecedores das tendências do Modernismo.

Joaquim Inojosa no trabalho “Cascudo e o Modernismo” diz que Cascudo catequizou os escritores locais, dentre eles, os grandes da poesia Othoniel Menezes e Jorge Fernandes. Porém, ainda era muito forte a ressonância do tradicional, como a poesia romântica predominando com os nomes de Lourival Açucena, Ferreira Itajubá e Auta de Souza.

Em 1925 circulou em Natal a revista “Letras Novas”; na edição de número três (setembro de 1925) existe um longo poema de Othoniel, intitulado “*Atavismo*”, inesperado e de forma bem diferente do estilo poético sempre seguido, aqui no Estado. O poema surge sem rima, sem métrica, utilizando uma linguagem nova e empregando artifícios novos, como a onomatopeia, por exemplo, e aplicando outros artifícios que recorrem a várias estratégias gráficas. Características que seriam agregadas pelo poeta Jorge Fernandes na obra “Livro de Poemas de Jorge Fernandes”, publicado em 1927. Assim sendo, Othoniel já apresentava eventuais características modernistas desde a sua produção datada de 1914, quando esteve na cidade de Macau, como promotor público, publicando versos no jornal “Folha Nova” ao lado de Edinor Avelino, versos esses, considerados pelos amigos como futuristas.

Poemas

Por conseguinte, veremos a tendência modernista na poesia de Othoniel Menezes, analisando três poemas da sua produção anterior a 1927 (ano do lançamento do livro de Jorge Fernan-

des, considerado pioneiro do modernismo no Estado). Assim procedendo, poderemos observar que Othoniel foi, sem dúvidas, conhecedor desse movimento no Brasil e também mostrou estar atento às mudanças estilísticas na poesia do Rio Grande do Norte.

Bosi (2003) afirma que o Modernismo, como movimento ou como escola literária, apresenta diferentes facetas. Não se pode caracterizá-lo de maneira única, na medida em que havia grupos opostos que tentavam, cada qual, definir a arte moderna. No entanto, além da ampla possibilidade temática e da valorização nacional, os modernistas buscaram renovar esteticamente a arte, conferindo-lhe diversidade de ritmo e de criação.

O conhecimento do verso livre e os contatos com o Cubismo e o Futurismo ajudaram a criação de uma nova sensibilidade e a produção de obras de inegável ruptura estética. Depois veio a reflexão, a consciência crítica, a laboriosa metalinguagem (BOSI, 2003, p. 211).

No livro de estreia de Othoniel Menezes, em 1918, o prefaciador da obra, Henrique Castriciano, já percebe um escritor “múltiplo e variável e mudando como as ondas”. Castriciano também confirma no mesmo texto que os poetas da época já estariam abandonando a corrente nacionalista iniciada pelos românticos.

A seguir, analisaremos um poema extraído do livro “*German*” publicado quando o poeta estreava com apenas 23 anos.

“In Pulverem”

*Foste “grande” e orgulhoso. Um fardo de matéria,
Eis, agora, o que és tu. Virtualha envenenada,
Sobre a qual há de vir, nessa fúria danada
Da fome, a bichaultriz. A ronda deletéria*

*Dos cães, farejará, de calçada em calçada,
Uivando infernalmente, apupando a miséria
Do esquiife de ouro e seda, em que passou, trancada,*

*A tua carne, roxa, a apodrecer... A artéria
Que foi teu coração- é um negro pão de lodo!
Os olhos, onde, outrora, ardia o anseio todo
Da vida – hão de enseivar os jardins do nirvana...*

*E, antes de seres nada, hás de ser ossos, poeira...
E hás de rir, no teu riso hediondo, de caveira,
- da ambição, da vaidade, e da soberba humana!*

Quando o leitor contempla este poema já estranha de fato o título curioso, que numa versão da Vulgata em Genesis, 3.19, quer dizer: “tu és pó e ao pó voltarás”. O poeta quebrando a memória passadista emprega palavras consideradas tradicionalmente não poéticas. Observamos que Othoniel não tem intenção alguma de agradar seu leitor, é visível que o tema não é nada agradável ou platônico, como eram os românticos do seu tempo; o poeta demonstra total ausência de limites entre o poético e o não poético, provando que tudo pode ser tema de poesia.

Othoniel Menezes, diante do fenômeno da poesia modernista, está atento e começa também a cantar as mudanças que começam a emergir, porém, mesmo adotando alguns elementos modernistas, não rompe definitivamente com o movimento passadista, mas demonstra estar em sintonia com a agitação que surge no restante do país.

Então, o bardo rompe, em parte, com o movimento romântico/parnasiano, pois começa a trabalhar também a forma e o conteúdo de seus poemas com temas modernistas, no entanto na maioria das vezes conservando a métrica, os versos decassílabos e os sonetos, tornando-se uma espécie de romântico obscuro, muito de acordo, aliás, com a poesia de cunho cientificista à maneira de Augusto dos Anjos e do próprio Henrique Castriciano.

Autodidata, Othoniel era um homem de cultura literária requintada, versado em bons autores, sobretudo os franceses, ingleses e portugueses, deixando transparecer isto, às vezes, na sua bela poesia. Também jornalista e ensaísta, foi um poeta de inspiração universal. Olegário Mariano¹, que conheceu Natal, o con-

¹ Olegário Mariano Carneiro da Cunha (Recife, 24 de março de 1889 — Rio de Janeiro, 28 de

siderava “um dos poetas máximos do Brasil” (MARIANO *apud* CASCUDO, 1970).

Um dos recursos estilísticos utilizados por Othoniel Menezes inicialmente foi a paródia, que apresenta uma visão cômica ou satírica das obras tidas como sérias no passado. O poema *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias, por exemplo, parodiado por Oswald de Andrade, Cassiano Ricardo, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, dentre outros, foi também escolhido por Othoniel.

Vejamos a seguir o poema publicado na revista “*Nossa Terra – Outras Terras*”, em junho de 1926.

“Canção do Exílio”

*Poemazinho da esperança
Canta o soldado bagageiro*

*Ai! A toada, que tristeza...
Até pareço português!
Chegarei lá?
Minha Filhinha, eu sou criança,
e nem te deixei chorar quando parti!
Bato estas serras, brancas de bruma!
Vejo uma igrejainha, eis-me a rezar...
(os trens me arrastam) Irei voltar?
Toca a sofrer, só de esperança!
Vou fazer versos. Bem quisera
Ser Casimiro Triste de Abreu:
-o agreste sassafrás, à beira d'água,
Perfuma o ermo...
Chi!... que esperança!*

*Chegarei lá?...
Canta o soldado, mas ele canta
é o poemazinho que me faz criança!*

Assim como os demais poetas modernistas que tentaram de várias formas uma aproximação crítica das obras do passado,

novembro de 1958) foi poeta, político e diplomata brasileiro. Eleito em 1934, príncipe dos poetas brasileiros.

Othoniel Menezes mais uma vez, demonstrando pioneirismo no Rio Grande do Norte, escreve uma poesia que se alimenta de um tema já explorado (A Canção do Exílio), procurando estabelecer diálogo entre diferentes visões da arte poética e do mundo. No universo literário, a releitura de textos famosos de escolas anteriores tornou-se uma forma de rejeição ou de admiração. Com frequência, os modernistas terminavam por reescrever alguns dos textos consagrados, sob uma perspectiva muitas vezes humorística na chamada paródia. Um dos livros de crítica literária de Mário de Andrade, por exemplo, se chama *A escrava que não é Isaura*, numa evidente alusão ao romance de Bernardo Guimarães.

Outro recurso do modernismo utilizado pelo poeta em estudo foi a pesquisa da cultura popular, um olhar para o regional que está não apenas presente na poesia de Othoniel Menezes, mas assume um contorno, se não único, expressivo em toda a sua obra. Composta por vários livros publicados entre 1918 e 1955, a obra do poeta revela uma prova de amor e bastante interesse pelas coisas da terra, pela cultura popular, principalmente quando ele escreve em homenagem ao ídolo Ferreira Itajubá, um dos maiores poetas populares do Rio Grande do Norte, e também quando compõe as deliciosas quadras do seu “Sertão de Espinho e de Flor” lançado anos depois. No livro de 1923, *Jardim Tropical*, Othoniel Menezes prova mais uma vez estar atento às mudanças literárias que chegam ao Estado e escreve poema em homenagem ao amigo Jorge Fernandes, intitulado “O Ferreiro”.

Jardim Tropical é um livro bem diferente do anterior, nele o poeta dá enfoque a temas regionais, deixando de lado as coisas relativas ao coração. A começar pelo título, é visível a preocupação estética do autor com sua obra literária. Um jardim tropical reúne plantas tropicais e requer uma boa quantidade de chuvas ou de irrigação, bem como fertilização; em tese, um jardim tropical se caracteriza por suas cores vivas e por sua diversidade, e é justamente isso que o poeta faz em seu livro.

O Jornal *A República* publicou grande número de poemas de Othoniel Menezes que iriam constar do futuro livro *Jardim*

Tropical. Esse livro sinalizava o ingresso do poeta no campo do regionalismo. Nele está incluída a “Serenata do Pescador”, seu poema mais famoso. Nesta obra o autor busca uma temática mais brasileira, conforme os próprios caminhos indicados pelo movimento modernista que estava se implantando no país.

A partir de 1924 com o denominado segundo tempo modernista, consolidam-se as diferenças entre as várias correntes do movimento. Se, num primeiro momento, a questão da atualização da nossa cultura uniu indistintamente os modernistas na luta contra os gêneros literários tidos como ultrapassados, agora o problema muda de configuração. Para modernizar o Brasil urge conhecê-lo, considerar as suas peculiaridades e propriedades. É neste momento, portanto, que se articula a proposta modernizadora - voltada para a atualização - com a questão da brasilidade. O ingresso na modernidade deve ser mediado pelo nacional. A grande questão que se coloca é dar conta do nacional. E nesse ponto vão se situar as divergências quanto à forma mais adequada de aprendê-lo

Segundo Bosi (2003), o modernismo rompeu com o sertanismo estilizado dos prosadores parnasianos, mas não o fez senão para por em prática um primitivismo mais radical e, em certo sentido, mais romântico. Assim sendo, toda a polêmica desencadeada sobre o que significa ser brasileiro deixa clara a relevância da questão regionalista no interior do modernismo, marcando bem as resistências à tentativa de redefini-la de acordo com novos parâmetros. Apesar de o modernismo não se assumir como anti-regionalista, na medida em que confere notória importância ao folclore e aos costumes das diferentes regiões culturais brasileiras, ele introduz uma nova concepção do regional, acrescentando elementos que viriam mediar a relação regionalismo-nacionalismo.

Por conseguinte, veremos em outro poema essas características modernistas de Othoniel. No longo poema *Atavismo*, publicado, em setembro de 1925, de forma bem diferente dos poemas e do estilo parnasiano seguido e em moda na província, Othoniel Menezes aparece novamente sem rima,

sem métrica e empregando novos artifícios para a poesia local, enquadrando-se na maioria das tipicidades que caracterizaram o movimento modernista. O poema por sinal é dedicado ao amigo Jorge Fernandes. Dividido em nove partes, o tema é um delírio do poeta, algo não tão comum para a época. Pode-se acrescentar ainda a utilização de onomatopeias, características amplamente empregadas por Jorge Fernandes em seu livro de poemas em 1927.

“Atavismo”

I

Tic-tac! Tic-tac!

-Rrac..crac...

Olá, amigo vento, velha alma familiar e chorosa de Casimiro!

Velha gargalhada noctâmbula do salafrário Bocage!

Avejão!... (rrac!)

Vulto branco!... (crac!)

Tic-tac...

Ferve, a cem léguas, o mar... uma zelação que desabou no mar !

(...)

O poema *Atavismo* provocou as mais diversas reações entre os leitores potiguares, inclusive pelo fato de no período ter sido lançada no Estado a primeira antologia de poetas, organizada por Ezequiel Wanderley e constando 108 poetas todos com poemas no estilo parnasiano. O jovem crítico literário Afonso Bezerra manifestou opinião nas páginas do Diário de Natal; em um texto com título de “Futurismo” o escritor relata o quanto repercutiu o assunto na cidade. Nesses tempos de agitação intelectual dizia ele também que as formas adotadas pelo poeta em sua primeira fase eram melhores do que as da fase atual referindo-se a nova forma de Othoniel de fazer poesia. E com franqueza confessa que seria melhor que o Othoniel voltasse às fileiras passadistas, “porque, do contrario, receio que ele venha perder o principado das musas” (BEZERRA, Diário de Natal, 31 de outubro de 1925).

Conclusão

*Meus caminhos são maiores
que os caminhos desvendados.*

Othoniel Menezes

Ao término deste trabalho, podemos concluir que a poesia de Othoniel Menezes não é fácil de ser compreendida ou atrelada a uma determinada corrente estético-literária. É perceptível que ela é de transição, ou seja, canta as mudanças que chegam ao Rio Grande do Norte no período. Vemos então que a partir de meados dos anos 20, o tema modernismo começa a ser discutido amplamente entre os poetas potiguares, propiciando aos escritores várias alternativas, ou tentativas de movimentar a vida literária provinciana com a novidade estética. Neste sentido Othoniel Menezes teve a oportunidade de debater nos seus poemas, assuntos ligados à questão do moderno e do tradicional, com o próprio tema do regionalismo fazendo parte da sua obra naquele momento. Assim, juntamente com Jorge Fernandes, Othoniel Menezes seria quem melhor representou a arte local dentro dessa perspectiva moderna no Estado, sob a liderança de Câmara Cascudo. E visto que, como nos mostra Alfredo Bosi (2003), nesse período houve uma necessidade de consolidar a nova estética, de definir seus rumos, de romper com os padrões literários do passado, portanto, no movimento modernista da primeira fase houve uma espécie de radicalismo.

Os poetas modernistas valorizaram a incorporação de gírias e de sintaxe irregular, e a aproximação da linguagem oral de vários segmentos da sociedade brasileira, como se pode observar no poema “Atavismo” de Othoniel Menezes. Ainda no plano formal, o verso livre, a concisão e a objetividade são características marcantes do movimento. Por fim, resta dizer que a temática aqui abordada é apenas um ponto inicial para o estudo mais aprofundado de relevantes aspectos da obra de Othoniel Menezes.

Referências

- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte**. Natal: Editora da UFRN, 1995.
- BOSI, Alfredo. **Céu, inferno**: ensaios de crítica literária e ideologia. São Paulo: Duas cidades, 2003.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Gente Viva**. Recife: UFPE: 1970.
- COSTA, Maria Suely da. **O Canto da Cigarra e Outros Cantos**. Dissertação de mestrado. Natal: UFRN, 2000.
- GALVÃO, Cláudio. **Príncipe Plebeu**: Uma biografia do poeta Othoniel Menezes. Natal, Editora FAPERN, 2009.
- MELO, Verissimo de. **Patronos e Acadêmicos**. Vol. II. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1974.
- MENEZES, Othoniel. **Obra reunida**. Natal: Editora Una, 2011.
- WANDERLEY, Jaime dos Guimarães. **É Tempo de Recordar**. Natal: Fundação José Augusto, 1984.

***Thiago Gonzaga** é escritor e pesquisador de literatura potiguar, autor dos livros *Literatura Etc*, *Impressões Digitais* e *A Felicidade é uma Arma Quente* (CJA edições).

Um contador de histórias

*Manoel Orosre Jr.**

De início, quero dizer da minha satisfação em constatar que o nome de Bartolomeu Correia de Melo não foi relegado ao ostracismo com que a Província costuma “premiar” os seus escritores.

Este evento promovido pela UBE, e o lançamento de livros, logo a seguir, revestem-se, pois, de especial significado.

Bartolomeu Correia de Melo é, sem dúvidas, um dos mais importantes ficcionistas surgidos nas quatro últimas décadas, em nosso Estado. Ele faz parte de uma notável estirpe de contistas, cujas obras constituem como que verdadeiros marcos na Literatura Potiguar do século XX, a exemplo de Afonso Bezerra, Newton Navarro, Tarcísio Gurgel e Francisco Sobreira.

Bartola, como era chamado pelos amigos, ou Professor Bartolomeu, o renomado mestre, com pós-graduação em Físico-química, estreou tarde nas letras e se foi desta vida muito cedo. De modo que não deixou obra extensa; apenas três livros de contos e três de literatura infanto-juvenil, publicados. Mas, se lhe falta quantidade, sobra-lhe qualidade.

Ele mesmo se assumia como um simples contador de histórias. Mas digo eu – que histórias! Aliás, esta sua inclinação revela-se nos próprios títulos dos seus livros: “Lugar de Estórias” – o primeiro -, ganhador do prêmio Joaquim Cardozo, de 1997, da União Brasileira de Escritores, e mais: “Estórias Quase Cruas” e “Tempo de Estórias”.

Em todas estas obras, como também nas historinhas para

crianças, a mesma simplicidade temática e formal. Nada de hermetismos, nada de prestidigitações verbais. Daí porque se poderia dizer, apressadamente, que ele fosse um passadista, guardasse fidelidade a uma literatura ultrapassada. Mas, não. Embora simples, medularmente simples, por vezes singelo, e portanto, distante da sofisticação prafrentex, Bartolomeu contribuiu, muitíssimo, para a renovação das nossas letras, especialmente no que concerne à linguagem.

É a linguagem o seu grande trunfo. Já tive oportunidade de dizer isto no meu livro “Ficcionistas Potiguaras”, um panorama do conto nosso, no século XX. Explorando, criativamente, o linguajar regional, nordestino, ele utiliza expressões populares, muitas não dicionarizadas, mas também inventa outras tantas, e nisto se aparenta com escritores da mesma linhagem de um Guimarães Rosa, de um José Cândido de Carvalho, de um Nelson de Faria.

No entanto, se aprofundássemos a pesquisa em busca de suas vertentes, creio que daríamos com os contistas regionalistas das primeiras décadas do século passado – o Afonso Arinos de “Pelo Sertão”; o Hugo de Carvalho Ramos, de “Tropas e Boiadas”; o nosso Afonso Bezerra e tantos outros. Não que Bartolomeu possa ser qualificado como regionalista; trata-se aqui, tão-somente, de mero parentesco literário.

Quanto ao conteúdo, isto é, a matéria-prima da sua ficção, tanto nos seus dois primeiros livros, como também, um bocado, no terceiro, é a cidade de Ceará-Mirim o seu país sentimental, fonte perene de inspiração. Na terra dos canaviais, de muitas tradições, o autor reencontra os cenários e personagens de sua infância, com os quais constrói suas histórias. Cenas e tipos, paisagens, costumes, coisas e animais ganham vida na fala mesma dos simples.

O humor – devo ressaltar – é uma constante. Humor irônico que, no entanto, deixa transparecer viva simpatia pelas criaturas do seu pequeno mundo. Evidentemente, não se trata de humorismo; nada de provocar gargalhadas, mas, sim, apenas, um leve sorriso que se esboça mais no olhar do que nos lábios do

leitor deliciado.

Exemplo desse humor encontra-se no conto “A Machado”, peça antológica, digna de figurar ao lado de “A Pegha”, outra pequena obra-prima do autor, constante da antologia “Contistas Potiguares”, de minha autoria.

Devo dizer que a escolha não foi fácil. Bartolomeu mantém um padrão de qualidade, em todos os seus trabalhos.

Sintam a beleza da narrativa segura e desenvolta, permeada de fino humor, neste trecho de “A Machado”, cujo título, diga-se de passagem, remete a Machado de Assis:

“Inverno de entre mil oitocentos e muitos a mil novecentos e pouco. Tardinha de chuva chovendo, friagem entranhando n’alma. Tibúrcio Torquato, serventuário aposentado, por temor de defluxos, entonado num pijama de flanela. Na meia escuriza da sala, largado numa poltrona, relia a “Folha do Vale” quando, de repente, amarfanhou o jornal. Mas, não por arrepuño dalguma notícia, não. Foi troço dado lá-nele, diz-que mal repentino de congestão. Pois mostrou esbugalhar d’olhos e boca entronchada. Ainda intentara se erguer, mas arriou de volta, somente arfando, sem gemido nenhum. Cravou unhas nas coxas magras, pescoço escangotado. E depois de ligeiros tremeliques, morreu ali mesmo, sem maiores estrebuchos, bem de acordo com seu discreto feito.

Purezinha, que logo depois acudira, gasguitando, esfaleceu. E, quando depois tornada, seu esvairado sofrer foi tamanho que, não tivessem empatado - a poder de maracujinas -, pranteado defunto e penosa viúva haveriam seguido no mesmo caixão”.

*Palestra na Academia Norte-rio-grandense de Letras seguida do lançamento dos livros “A onça Braba e o cachorro Velho” de Bartolomeu Correia de Melo e “Louvor de Bartolomeu Correia de Melo”, coletânea organizada por Nelson Patriota e Manoel Marques Filho.

***Manoel Onofre Jr.** é escritor, autor de Chão dos Simples, Ficcionistas Potiguares e outros livros, ocupante da cadeira nº 5 da Academia Norte-rio-grandense de Letras

Pedro Vicente partiu

*Lívio Oliveira**

Lamento pela perda de Pedro Vicente Costa Sobrinho. Era um intelectual devotado e sensível. Um acadêmico vibrante. Devemos a ele ótimas iniciativas na Cultura do RN. Pedro cumpriu, dentre outros importantes papéis, a tarefa de ter sido um dos principais responsáveis pela reestruturação da UBE/RN, sugerindo – e me surpreendendo numa reunião ocorrida na Academia Norteriograndense de Letras – que eu fosse o primeiro presidente daquele período delicado de reativação, o que foi aceito por unanimidade pelos ilustrados presentes, muito mais por sua força e autoridade intelectual do que por meus méritos pessoais.

No meu livro “Bibliotecas Vivas do Rio Grande do Norte” (coletânea de ensaios sobre a bibliofilia potiguar e que foram reunidos em “O GALO” e, posteriormente, na revista “PREÁ”, ambos da Fundação José Augusto) fiz um ensaio sobre ele e seu acervo bibliográfico. O poeta Volonté esteve presente na visita/entrevista que empreendi. Foi bem interessante e prazeroso conhecermos os gostos literários (e de vida) de Pedro. Destaco algumas frases suas e que ouvi e anotei naquela oportunidade:

“- Edson Nery costuma dizer que foi derrotado por sua biblioteca. É essa a sensação que tenho todos os dias.”

(...)

“- Comprei muitos livros marxistas da editora Vitória. Veio o golpe de 1964 e meu pai, cioso de minha segurança, com medo de repressão, tendo eu fugido para o Rio Grande do Norte, queimou, indistintamente, todos os meus livros. Aí findou a minha primeira biblioteca.

(...)

“Passei a recompô-la. (...) No Acre, a minha biblioteca cresceu muito, face à melhor situação econômica em que me achava e também pelo espaço que eu tinha em casa. A minha biblioteca era maior que a atual. Lá também montei a livraria Casarão, onde foi a residência de um governador.”

E ele, Pedro, continuava naquela manhã ensolarada a falar de uma biblioteca sempre em movimento, sempre dinâmica, em constante renovação, como deveriam ser todos os homens de inteligência e de ideias. Uma pena que a doença não permitiu a recomposição e renovação da saúde física de Pedro tal qual se renovava continuamente a sua coleção de livros.

Vá em paz, Pedro. Outros livros serão escritos por aqui. E você será lembrado neles.

***Lívio Oliveira** é poeta e escritor, autor de O Colecionador de Horas, Teorema da Feira e outros livros.

*Publicado no site da Tribuna do Norte em 06/09/2013.

Varal das Lembranças.

Os livros de minha iniciação: Infância

Pedro Vicente Costa Sobrinho

 Logo depois que meu pai esposou Dina e juntos foram residir na Rua Formosa, numa casa alugada, levou-me, a contragosto, da casa de tia Neném pra morar com eles. Tia Neném que naturalmente havia me adotado após o falecimento de minha mãe, alegou que Francisca antes de morrer havia pedido que cuidasse de mim, portanto ela era contra essa decisão do meu pai; apesar da autoridade que ela tinha sobre ele por ser a irmã mais velha e também sua madrinha, não adiantou nada. Eu, mesmo muito criança, fugia de casa e ia me esconder na casa de Tia Neném e só saía de lá quando meu pai ia me buscar. Era muito curta a distância entre as duas casas, para ir até lá eu caminhava um pedaço da Rua Formosa na direção da Rua Frei Caneca, descia um pequeno barranco e cruzava os trilhos da ferrovia da Usina Colônia, depois atravessava o terreno baldio da olaria de seu Neves onde havia um campo de futebol, e daí então de rápido alcançava a Rua Padre Roma onde ficava a casa do meu avô, que era casado com tia Neném. Durante as noites que eu lá dormia ou nos sábados eu participava de rodas de leitura, com tia Neném lendo em voz alta contos e novelas publicados na revista Grande Hotel ou obras psicografadas por médiuns ligados ao espiritismo kardecista do acervo de livros que pertencia ao meu primo e padrinho João Costa.

Começos de 1950, João Costa veio a falecer, e tia Neném disse-me que logo que aprendesse a ler os livros e revistas deixados pelo meu padrinho seriam meus, inclusive seus ternos emborrachados e uma bela caneta Parker 51. Tão logo que eu me

flagrei lendo, procurei então ter acesso ao pequeno acervo de livros que ele deixou e fui bem devagar desasnando a leitura com auxílio de tia Neném. As primeiras leituras foram de livros psicografados, pois meu padrinho João Costa e minha tia eram adeptos do espiritismo e freqüentavam o Centro Espírita Gama-liel, que ficava na Rua Capitão Sabino. Lembro-me que li com certa dificuldade o romance “Lídia”, do espírito Suriñach, que tratava do amor entre uma jovem convertida ao cristianismo com um oficial romano pagão, no período de Nero, creio eu, e que é levada por sua fé ao martírio no Coliseu; história muito parecida com a trama de Quo Vadis, filme que vim a ver depois no cinema.

“Após a leitura da novela “Lídia” vieram os livros “A barqueira do Júcar”, de J.F. Colavida e “A vingança do Judeu”, do espírito Rochester, pela médium Wera Krijanowskaia. Ao mesmo tempo em que lia obras psicografadas tia Neném me emprestou “O livros dos espíritos”, de Alan Kardec, leitura muito pesada e complexa para minha idade. Tinha que ler bem devagar, meditar sobre a riqueza e profundidade dos seus ensinamentos pois era um diálogo entre Kardec e espíritos elevados, dizia ela. Tia Neném acreditava na reencarnação como necessidade para evolução do ser humano, na materialização de espíritos, na mediunidade e nos fundamentos científicos da doutrina. Eu muitas vezes fui com ela às sessões espíritas e depois de celebrado o culto levava-me para o ritual passe. A próxima etapa de leitura já estava prevista, seria “O Evangelho segundo o Espiritismo”, que nunca me dispus a ler. Entremeando a leitura de novelas, romances psicografados e material doutrinário espírita eu com certa voracidade lia revistas de quadrinhos e fotonovelas .

Na pequena biblioteca que ao morrer meu padrinho nos legou também havia um pouco de literatura pagã, pois nela existiam alguns romances de autores nacionais e estrangeiros; e ainda me lembro de haver lido o que havia lá de romance de aventuras principalmente de capa e espada. Os autores que não esqueci foram o ítalo-americano Rafael Sabatini e seus livros “Scaramouche”, “O Gavião do mar”, “Capitão Blood”, e “O Cisne negro”; Anthony Hope e seu livro “O prisioneiro de Zenda”;

Michel Zevaco e seus livros “Don Juan” e “Os Pardaillans” em edições com páginas já amareladas e caindo os pedaços; e por fim, o inesquecível conde Pierre-Alexis Ponson Du Terrail, de quem li alguns romances da série “As aventuras de Rocamboles”, entre eles “O Pajem de Luis XIV”. Muitos romances de aventuras e de capa e espada foram adaptados para o cinema, pois de Rafael Sabatini todos os livros que dele eu li, ainda na infância, vim a assistir em filmes.

Outros livros de autor estrangeiro com certeza foram lidos, mas só me recordo dos romances “O corcunda de Notre Dame” e “O último dia de um condenado”, de Victor Hugo; “O conde de Monte Cristo” e “Os três Mosqueteiros”, de Alexandre Dumas, o pai. Afora “O último dia de um condenado”, para que lesse esses outros romances eu certamente fui induzido pelos quadrinhos e também pela sua adaptação ao cinema.

De autor nacional poucos livros havia e apenas me lembro dos livros “Iracema” e “O Guarani”, de José de Alencar; dois ou três livros de Humberto de Campos que não li e esqueci os títulos; “A moreninha” e “O moço loiro”, de Joaquim Manoel de Macedo e “Cidades Mortas”, de Monteiro Lobato. Com exceção já feita a Humberto de Campos, a leitura dos referidos livros foi fundamental na minha infância, especialmente os contos de Monteiro Lobato. Do livro “Cidades Mortas” eu li em voz alta pro meu pai os contos: A nuvem de Gafanhotos, O fígado indiscreto e Um homem honesto. De Lobato também li dezenas de vezes “O Jeca tatu”, conto com ilustrações, publicado em grandes tiragens pelo Biotônico Fontoura e de fácil acesso na farmácia de seu Vilela, que ficava no Beco de Colônia.

A Bíblia

Durante minha infância eu nunca tive em casa a Bíblia, dela vim ter acesso através da família de Dina, mãe adotiva, pois quase todos os parentes que dela conheci eram evangélicos ligados à Igreja Batista; e também da sábia Ester, mãe de Cosinques e Jacques, meus bons amigos de infância e adolescência. Meu pai costumava visitar regularmente os parentes de Dina, que mora-

vam na Rua Frei Caneca. Ficava um pouco na casa de seu Vicente (Dadai) e dona Maria pequena, pais de Dina, e a maior parte do tempo da visita na casa de Dindinha, avó de criação dela. Lá ele proseava com Ivonildo e Luís sobre tudo, ambos eram ferroviários, um deles primo de Dina e o outro casado com sua prima Adélia. Havia luz elétrica na casa de Dindinha, então eu aproveitava pra folhear aquele livro encadernado com capa de couro e espesso que ficava sobre uma mesinha na sala de visitas. Ivonildo muitas vezes me falou daquele livro e de sua origem divina por isso era chamado Escrituras Sagradas. Ele sempre lia pra gente alguns capítulos e versículos de partes que a ele interessavam no seu trabalho de evangelização e catequese, quer do Velho quer do Novo Testamento. Da Bíblia, naquele tempo, eu estava certamente interessado pelas histórias do Velho Testamento que tia Neném me contava: Adão e Eva, Babel e sua torre, Noé e o dilúvio universal, a destruição de Sodoma e Gomorra, Moisés e sua fuga do Egito, e principalmente sobre Davi e Golias e Sansão. Logo que aprendi a ler eu fui de rápido e direto folhear a Bíblia na casa de Ester, precisamente às páginas onde poderia encontrar essas histórias mágicas. O livro sagrado sempre me foi cedido por ela, com a recomendação de que eu devia folhear com todo cuidado, pois era impresso num papel muito fininho e podia rasgar-se com o manuseio; ela também me orientava a encontrar o assunto em que eu estava interessado. Ester era viúva e muito pobre, sustentava-se e aos dois filhos homens com uma pequena pensão legada pelo marido morto e a lavar e engomar roupas para a família da qual fora empregada doméstica. Ocupava então um quarto nos fundos da casa de Dindinha, coberto com telhas e piso de barro batido; mobiliado com três camas, mesa com quatro tamboretas, pequeno armário e guarda-roupa; o fogareiro, armação de madeira e barro, alimentado a carvão, ficava fora do quarto a céu aberto. Eu sempre aproveitei durante anos parte do tempo livre fora do horário da escola para ir ler a Bíblia no quarto de Ester; além disso, ela ainda me contava histórias dos filmes que havia assistido quando jovem. Os filmes que me contou e que eu nunca esqueci foram: “ O Fantasma da Ópera”, com Lon Cha-

ney; “Os irmãos Corsos”, com Douglas Fairbanks Jr; e Miguel Strogoff, com Julian Soler.

Da Bíblia com certeza na infância eu li do Pentateuco integralmente dois livros: Gênesis e Êxodo por conta dos personagens que me encantavam: Adão, Eva, Caim, Babel, Matusalém, Noé, Ló, Abraão, José e Moisés; partes dos livros de Samuel e Reis, pois só me interessavam pelas histórias de Sansão, David e Salomão; o livro de Jó, pelos seus sofrimentos e o livro de Jonas, por ter sido este engolido pela baleia; todos do Velho Testamento. Do Novo li os livros Mateus, Lucas, João, Atos dos apóstolos e Revelação a João (Apocalipse). Desses livros exceto Atos dos apóstolos e Apocalipse, todo meu interesse era pela história da vida de Cristo, personagem que sempre me cativou e que cultivo até hoje, mesmo agora quando eu me considero ateu. Os filmes históricos de origem na Bíblia sempre me foram muito atraentes, e deles eu vi: “David e Betsabá”, com Gregory Peck e Susan Hayward; “Sansão e Dalila”, com Victor Mature e Hedy Lamarr; “Os Dez Mandamentos”, com Charlton Heston e Yvonne De Carlo; e tantos outros sobre a vida, paixão e morte de Jesus Cristo.

Até aos quatorze anos, pra mim foi extremamente penoso o acesso à literatura impressa nos livros. Nas escolas em que estudei na infância não havia bibliotecas. Meu pai afora as revistas em quadrinhos nunca comprou um livro. Dina somente tinha um livro, o livro didático que havia usado no curso primário, que ela guardava com todo o carinho numa gaveta do guarda roupa, e eu, sem que ela soubesse, muitas vezes o pegava às escondidas pra ler. Jaboatão não tinha livraria nem biblioteca; e Ribeirão, afora a pequena biblioteca do colégio que não era aberta aos alunos, também não tinha livraria nem biblioteca pública. O único recurso era o pobre acervo de livros cultivado com carinho pela tia Neném. Pra ter acesso e ler alguns livros desse pobre acervo eu tive de vagar pelo menos por três diferentes lugares onde tia Neném residiu: Rua Padre Roma, duas vezes, o outro em Engenho Velho, este último até que um pouco distante de onde meu pai morava, mas valia a caminhada. Ainda bem que Ester me facilitou sua Bíblia. Quanto à fome de ler eu saciava empanturrando-me com

a leitura de revistas de qualquer natureza, principalmente de quadrinhos e fotonovelas, viessem de onde viessem.

***Pedro Vicente Costa Sobrinho**, escritor e professor (1945 - 2013), ocupou a cadeira nº 31 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Poesias

Elegia para Pedro

*Nelson Patriota**

Em memória de Pedro Vicente Costa Sobrinho

Agora estás completo
porque já não te alcança mais qualquer palavra
que te enderecemos
logo tu, que foste um homem loquaz
pelo nobre propósito de buscar a humanidade
nem sempre tangível
às vezes desejável
mas, amiúde, improvável
de teu próximo
isso explica porque o verbo essencial, o abracadabra redentor
estava tão docilmente ao teu alcance
Não por outra razão, até nos casos extremos
e quando outros mais reputados aos olhos do mundo desistiam
a ti nunca ocorriam razões para não perseguir a improvável (aos
nossos olhos) meta
Por isso, sempre vencias: era tua melhor arte
arte, reiteremos, de raríssima grei
pois se uma geração inteira ousar desconhecê-la
nada lhe compensará esse cruel hiato
somando o número de seres penalizados
por essa tanta ousadia
(embora estes não o saibam claramente
haverão por força de sentir seu desconforto
de ser e não se saber objeto dessa carência inominável)
Sim, dominaste a arte de ser
Foste para nós o solitário mestre desse saber
de que desconhecíamos os mandamentos mais elementares
os mais consabidos valores, os mais comezinhos princípios e
especialmente
seu segredo essencial: reconhecê-lo em nós
como um estigma de eleição, um signo, uma dádiva

Contigo foi fácil, finalmente, mesmo para pessoas desatentas
como nós
distinguir em certos gestos a palavra subentendida
e, por trás das palavras
a intenção inequívoca
Não é porque estejas agora imune às palavras
Que te perderás de nós. Se as compartimos tanto e com
tamanho afincio
Como te furtarias a sua presença?
Entre certas palavras é inevitável que deparemos contigo
Nada é mais certo e seguro
Mesmo porque habitas agora um reino todo feito de palavras
Onde a sombra de ti próprio não pesa: sentes-te leve
Sabes-te capaz de levitar e essa ideia chega a te parecer hílare
E ririas ao depará-la não fosse mais forte o pudor de não
ofenderes assim
algun semelhante
(suspeitas que os haja no reino onde mal acabaste de ingressar
Embora desconheças ainda os códigos de convivência
que aí porventura prevaleçam)
De fato, agora só te oprime
a certeza de quanto dói carregar tua própria humanidade
Essa condição a qual são raros os que sabem renunciar de pronto
como o fizeste
E, no entanto, sempre pela mesma razão, um mesmo receio,
sempre
Repousa, amigo
E que o peso do nosso indesculpável estar-no-mundo
essa mácula de sobreviver a ti
Tão minúsculos seres que revelamos ser
Seja-te leve

***Nelson Patriota** é escritor e poeta, autor de *Uns Potiguares* e vários outros livros. Membro (eleito) da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Nascimento do lírico

*Paulo de Tarso Correia de Melo**

Palavras foram jóias que sobraram
do incêndio de Tróia. Emigraram
para outras flamas do Mediterrâneo
ensolarado. Seguindo batalhas
chegaram ao norte
e às mitologias saxônicas.
Invadiram terras hiperbóreas
e lá, amaciadas e arturianas,
voltaram ao continente em trocas
francas. O canal, o Canal da Mancha,
era um muro vizinho sobre o qual
se atiravam as flores da Provença.
Apanhou-as o Bardo e com elas
teceu uma coroa para Ofélia.

2

Homero,
a página do poema é um mar
de lírios do campo trêmulos,
um “site” de lilazes palpitanes e orvalhos,
espumas de sons delicados sobre auroras
que se levantam, secretos meandros
que constroem rochedos, Homero,
a página do poema é
tão íntima, tão alva, fresca e roçagante
quanto a página de seda em idioma silencioso
que o Padre Sátyro, contraditório monge copista
guarda para se satisfazer entre seus pergaminhos

3

O encontro hoje, Sandro,
não é em campo aberto
nem inverno deserto,
súbita explosão.

É em quarto pequeno
quarteto
quatro paredes,
teto, chão.

Sandro,
segredo,
Pena,
solidão

4

Hoje eu te escolho,
polonesa enrugada, rios de nicotina
afluindo ao coração, moinho de desespero humano,
para vingares a tua mão mortal.
Falarás de um trem brutal e passageiro efêmero
atravessando a neve, a noite e a resignação.
Porque te escolho,
casual como o trem atravessa eternamente a planície gelada
e o homem vai buscar as luvas esquecidas dentro do bar
no exato minuto do atentado ?

5

Konstantinos, te escolhi
entre barrocas volutas
de fumaça de cigarros
e acolchoados de gastas
poltronas e adiposidades
da velhice, para sentir
o que faltou a outros
destinos como o teu:
a cidade que tiveste toda
e a indiferença de perdê-la
e a que toda te ofereceram
satrápia
e só escolheste a falta.

6

Czeslaw, anjo de nome encaracolado,
a chave está em outro lugar,
o palácio está encantado
para que os convidados possam sair e entrar.
Czeslaw, poeta, príncipe endemoniado,
participe de pentecoste, identificar
o idioma estranho do teu falar,
nem prosa nem poesia, gênero mesclado.

***Paulo de Tarso Correia de Melo** é poeta e escritor, autor de *Talhe Rupestre* e vários outros livros. Ocupa a cadeira nº 11 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Capitão J. da Penha

*Jarbas Martins**

Sobre a lua da sela a mão se deixa
e a mão em inércia há muito o que sonhar
- sua República de ciência e esgar:
Positivismos, Comte e o que mais seja.

Em vigília, na noite sertaneja,
cofiava o duro queixo exemplar
- se Tróia não havia, por inventar,
havia um Ideal, o Deus e a Igreja.

Antes que a aurora exsurja esfarrapada,
em Juazeiro, a Eterna e Degradada,
o jagunço desperto cobra a senha:

“... – Que Ordem, que Progresso e Augusto Comte ? “.
Feriu-o de morte. É a história (outro a recontei)
Do Valoroso Capitão da Penha.

NOTA DO EDITOR: Com este antológico soneto homenageamos a figura ilustre do Capitão José da Penha, patrono da cadeira nº 34 desta Academia, cujo centenário de falecimento comemora-se neste ano de 2014.

*Jarbas Martins é poeta e escritor, autor de *Contracanto*, 14 versus 14 e outras obras.



Conto

CHEIRO DE MEDO

*Sapere Anaujo**

Não sei porque levaram a gente prá casa de tia Minervina. A gente era eu e meus dois irmãos mais velhos. As meninas ficaram, com tia Mamedia na fazenda Saco, umas duas léguas da rodagem de Floranea. O sol mal havia descambado por trás da serra de Sant'Ana, quando a ceia foi posta na mesa e todos nos reunimos. Fora tia Minervina e a gente somente estavam na casa duas empregadas velhas, crias da casa e Bastião, um morador que fazia as vezes de homem da casa. Uma tigela de coalhada com uma nata espessa estava na nossa frente. Batatas cozidas fumegando, carne-de-sol assada na brasa, leite fervido, umas tapiocas bem branquinhas. O bule de café de ágata azul foi trazido com um pano protegendo a alça de tão quente e foi servido na caneca dos mais velhos. A gente menor, teve que misturá-lo com um pouco de leite. A boquinha da noite era de silêncio. Apenas um grilo cricava num dos cantos da sala. As empregadas entravam e saíam com os pratos como se fossem almas do outro mundo, caladas. Mal havíamos terminado a ceia, quando nem o cheiro da noite chegara à sala de janta, ouvimos tropel de cavalos se aproximando. Tia Minervina levantou a vista das contas do rosário que desfiava entre os dedos e olhou lá distante pela banda da janela aberta que permitia a entrada de uma aragem fresca.

- Depressa, peguem os meninos e levem prá camarinha das moças solteiras.

Bastião nos juntou como se fossemos um molhe de varas e rápido trancou-nos no ultimo quarto do corredor que levava à cozinha. Pediu-nos silêncio. Lá dentro a gente só fazia respirar, mesmo com uma vontade danada de tossir. De onde estávamos,

ouvimos as pancadas fortes na porta. Vozes imprecisas, algumas vezes alteadas e ríspidas como ordens.

- Não posso abrir a porta numa hora da noite dessas, ouvimos tia Minervina respondendo com o mesmo tom autoritário de quem chegara. Os sons eram imprecisos, até que Bastião abriu nossa porta esgueirou-se prá junto de nós. As pancadas na porta eram insistentes. Depois ouvimos passos de botas na casa, tilintar de esporas, sussurros. Incrível como os cheiros se sucediam nas nossas mentes. Mesmo com o doce perfume de alfazema do quarto das moças solteiras onde a gente se abrigava, eu podia distinguir umcheiro acre de suor, pólvora e um indecifrável cheiro que me angustiava cada vez mais quando sobressaía dos cheiros da noite.

- Não admito que entrem na minha casa. Isso é uma violência. Estou sozinha aqui apenas com duas empregadas, velhas crias da família. Não tem ninguém mais. Nem gente nem armas. Por favor, vão embora que estão me incomodando. Tia Minervina era enérgica no seu protesto. As botas e o tilintar das esporas fizeram barulho até a porta do quarto onde estávamos escondidos com o morador.

- Este quarto é apenas um depósito. Está trancado, sem serventia. Não permito que revistem nada. Não sou uma criminosa. Um tempo de silêncio. Nossa respiração estava quase suspensa. Levinha, levinha. O trinco da porta foi mexido, uma, duas vezes. Além da chave virada, Bastião escorara suas costas para bloquear a entrada de qualquer um e nos proteger. De repente, as passadas foram se distanciando. O tropel dos cavalos sumindo na noite e aquela sensação de alívio e segurança tomando conta da gente. Não foi de imediato que abriram nossa porta. Primeiro Bastião esgueirou-se até a sala e bem mais depois é que vieram nos buscar. Tia Minervina sentada numa velha cadeira de balanço de palhinha desfiava as contas do seu rosário e olhava como não estivesse vendo, a porta fechada. A casa ainda estava impregnada dos cheiros que me alertaram do perigo. Cavalos, homens suados, uns tons de fumo e aquele outro angustiante e ameaçador. So-

mente quando a moradora nos levou para o quarto dos meninos para dormir é que me lembrei de perguntar. Que cheiro estranho era aquele que me dava uma sensação de medo, de fragilidade e de perigo que sentira com a presença dos estranhos na casa?

Tia Minervina sem tirar os olhos da porta fechada nem parar a movimentação mecânica dos dedos nas contas do rosário, murmurou apenas como um comentário, nunca uma resposta.

- Cheiro de medo.

***Iaperi Araújo** é médico, escritor e artista. Ocupa a cadeira 23 da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Presidente do Conselho Estadual de Cultura já publicou 70 livros entre ensaios e prosa e poesia.



Novos Acadêmicos

Discurso do Acadêmico Carlos Ernani Rosado Soares que saudou, em nome da Academia, o Professor Benedito Vasconcelos Mendes.

Estamos aqui hoje para dar as boas-vindas a uma eminente figura do nosso Nordeste.

O nordeste brasileiro constitui uma região especial que se enquadra na perfeição da descrição do nosso excepcional Euclides da Cunha. Ninguém, jamais, conseguiu igualá-lo na precisão de todas as suas características descritas em estilo dos mais puros e apelativos.

Há, inevitavelmente, mercê de sua grande extensão, variações dentro da aparente unidade, o que apenas valoriza ainda mais os dados comuns.

A terra e a gente não são uniformes dentro de um contexto, e as eventuais diferenças apenas fazem ressaltar esse padrão. A partilha geopolítica foi contingencial, daí que poderemos repetir: tudo nos une, nada nos separa.

Essa terra generosa e boa, sempre à espera das chuvas benéficas, que, quando nos faltam, seus habitantes resignam-se, abrem outras frentes de luta, sabendo que em algum futuro encontrarão forças para recuperação, com a sublime convicção da descrição do poeta de que “nas trevas correria o sangue fresco de uma aurora nova”. Quem seria eu para descer a análises mais profundas, se tanto grandes intelectuais já o fizeram? O Ceará de Rachel de Queiroz, a Paraíba de José Lins do Rego e Ariano Suassuna, a Alagoas de Graciliano Ramos são iguais, em tipos físicos, problemas, valores culturais, riquezas e potencialidades, ao Rio Grande do Norte de Câmara Cascudo, de Raimundo Nonato da Silva, de Vingt-un Rosado, dos Lamartine – Juvenal, Oswald e Peri, de Olavo Medeiros, Iaperi Araújo e Paulo Bezerra. E eu

aqui não incluirei Nilo Pereira, Gilberto Freyre ou Jorge Amado, porque estes cuidaram, e muito bem, das áreas úmidas dos canais e cacauzeiros. Poderia, é bem verdade, e o faço com orgulho e alegria, pelo entusiasmo e paixão que tenho por seu trabalho, fazer o registro do nosso inesquecível Luiz Gonzaga e seus parceiros, que registraram, em verso, prosa e música, toda a saga do nosso sertão, para todo o sempre, no registro do seu centenário de nascimento.

E é nessa linhagem telúrica que se insere o novo acadêmico que esta Casa tem a honra de receber.

Ao aceitar o generoso convite de Benedito Vasconcelos Mendes para recebê-lo, dei-me conta mais uma vez da minha enorme ligação afetiva para com essa Cadeira de número 38, de nossa Academia.

Um fato singular, quase impossível de ser repetido: minha afinidade com todos os antecessores, e com seu Patrono.

A seara vai ser sua, Acadêmico Benedito Vasconcelos Mendes, mas eu peço sua permissão e a desta Casa para dizer que conheci muito Luiz Antonio, meu primeiro Diretor na Faculdade de Medicina, e com quem convivi nos primeiros anos desta. José Tavares da Silva foi figura permanente na minha prática profissional, por quem tive o maior respeito e admiração, e com quem cultivei uma amizade que me honrou sobremaneira. Não posso esquecer nossa luta conjunta nos primeiros tempos da Liga Norte-rio-grandense de Combate ao Câncer, e na implantação, neste estado, do Núcleo do Colégio Brasileiro de Cirurgias.

Nada irei dizer sobre Vingt-un e América Rosado, meu caro Benedito, pois todos sabem, e vão saber ainda mais, depois de sua alocação, do que representaram no Rio Grande do Norte. O grande filho de Mossoró teve na musa da Lavras todo o apoio e inspiração para a realização de seu notável trabalho.

O que sou obrigado a fazer, e o faço com enorme satisfação, meu caro Acadêmico Benedito Vasconcelos Mendes, é tentar exteriorizar a satisfação desta Casa em tê-lo conosco, já manifes-

tada pela unanimidade de votos com que foi ungido. E não é o cumprimento de um mero ritual acadêmico: sua folha de serviços prestados ao mundo da Agricultura nacional, seu amor singular à terra norte-rio-grandense o tornam mais um daqueles sobralenses de que falava Vingt-un e que tanto fizeram por Mossoró e pelo Rio Grande do Norte.

É muito típico e natural, no Nordeste, que o fulcro intelectual e material de cada estado reconheça um ou mais pólos de irradiação de sua cultura. Os exemplos estão aí a saltar à vista: Natal e Mossoró, João Pessoa-Campina Grande; Recife-Caruaru, e teríamos um sem conta de exemplos a mais, pois, em cada unidade federativa, surgem os diversos núcleos de polarização, sem obedecerem a dicotomias artificiais.

Sadia pseudoemulação, pois jamais ocorreria, a qualquer participante do cenário, outro sentimento que não o de somar e agregar valores.

Benedito já conhecia o eixo Fortaleza-Sobral, quando se integrou na paisagem potiguar, que da mesma maneira que o Ceará, se expande no Cariri, na sua área costeira e no sertão dos Inhamuns, o Rio Grande do Norte reconhece uma diversidade que vai determinar sua destinação geopolítica-econômica: o sal, o petróleo, a fruticultura irrigada, a pesca em cativeiro, a mineração.

Sobral e Mossoró guardam muitas similitudes geo-psico-sociais. O mesmo espírito libertário dos mossoroenses é encontrado em Sobral, pois igualmente sentindo os ventos do Dragão do Mar, lá a escravatura foi abolida antes da Lei Áurea, que, ao ser proclamada, não mais encontrou escravos na cidade.

E de terras sobralenses nos vem Benedito.

Graduado em Agronomia pela Universidade Federal do Ceará, em 1969, fez Mestrado em Viçosa-Minas Gerais, 1975, e Doutorado em Piracicaba, no ano de 1977 mais uma vez em respeitadíssima instituição como é a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.

Professor Titular da antiga ESAM – hoje Universidade Federal do Semi-Árido, por concurso vindo, posteriormente, a ser Diretor da mesma, tendo sido igualmente professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Foi Diretor Presidente da EMPARN, e Chefe Geral da EMBRAPA-Meio Norte.

Vê-se, pois, o relacionamento atávico de Benedito Mendes com a terra.

A terra é a própria essência da vida. Dela nascemos (Gênesis 2,7) e a ela voltaremos. *Memento homo qui pulvis es, et in pulvis reverterem.* (Gênesis 3,9), e peço desde agora a absolvição dos Acadêmicos, mais que ilustres, Cônego José Mário e Padre João Medeiros, pela intromissão e eventuais equívocos.

Quem jamais poderá esquecer o dramático apelo final da Terra em “E o vento levou...”? Quando poderá calar a lição de Pearl Buck, em “A Boa Terra”, igualmente transplantada para o cinema?

Nossa terra nordestina se associa, em conúbio definitivo, com o mar e seus ventos. Aprendi com Gilberto Osório que, na latitude em que estamos, não existe qualquer civilização no globo terrestre no mesmo nível nosso, e isso devemos a esses maravilhosos ventos, que dão a linda tônica final de “Os velhos marinheiros” de Jorge Amado. E da terra Benedito tanto cuidou, e cuidou muito bem, sempre procurando encontrar as espécies vegetais que melhor e mais rapidamente se adaptassem, mantendo a mesma vertente com vistas às espécies animais. Benedito é um discípulo fiel das lições de Felipe Guerra no seu clássico “Secas contra as Secas”.

Mesmo com essas enormes responsabilidades, e pour cause, Benedito encontra tempo para escrever. Tem mais de meia centena de trabalhos publicados em revistas de grande aceitação científica, e já produziu quinze livros.

Sempre foi uma pessoa de comunicação fácil, ávida em compartilhar seus saberes e experiências, e mais que tudo, um

eclétrico, pois sua fascinação pela ciência da terra teria que levá-lo, inevitavelmente, ao homem que nela habita, e sua luta tem sido sempre no sentido do equilíbrio desse binômio.

Integra o Corpo Redacional de duas das mais respeitadas publicações da nossa região: a ECONORDESTE e a NORDESTE 21, onde praticamente se faz presente em todos os números, com suas lições e projetos, sempre recebidos e acatados pela comunidade.

É estimulante e reconfortante saber que suas ideias, que ele divulga de toda maneira que pode, já calam no seio da população, mesmo que as ressonâncias governamentais pudessem ser mais eficazes.

Nada melhor para refletir esse estado de coisas que o registro naquilo que é o máximo de autenticidade e pureza no nordeste: a literatura de cordel. Nelci Lima Cruz, que se autointitula “Poeta de Santa Luz”, assim escreve no seu “Cordel Ecológico”:

**Com ideias de Guimarães Duque
E Benedito Vasconcelos
Com eles não tem nem um truque
Pimentel Gomes e Guilherme Azevedo
Agrônomos acordaram cedo
Pra que você não se machuque.**

**O Idealista pode errar
Mas o pessimista já começa errado
Os idealistas enxergam oportunidades
O pessimista vê tudo atrapalhado
Também reclama do vento
Usando mau pensamento
E só tem mau resultado
e por aí segue.**

Já Francisco Martins, que se abriga no pseudônimo de Mané Beradeiro, produziu um excelente cordel “As plantas da caatinga” – umbuzeiro, juazeiro e sabiá, e que é exatamente dedi-

cado a Benedito, publicado pela Editora Ferro da Ribeira.

Além dos estudos que realiza, Benedito viajou muito em busca de novos horizontes e experiências, tendo sido pioneiro na criação de animais silvestres no Brasil, com finalidades ecológica, social e econômica, introduzindo, no Brasil, dois antílopes dos desertos africanos. Igual atitude teve com relação às tentativas de adaptação de várias plantas à região.

Suas ideias já começaram a calar no seio das populações.

Sua capacidade, além de ação multiplicadora, o levaria a se integrar a inúmeras sociedades que reconheceram seus méritos, o mesmo se aplicando a revistas e jornais nos quais mantém permanente colaboração.

Seus inequívocos méritos o levariam a missões internacionais na Nigéria, na Itália, na Índia, França, Alemanha e Portugal, Estados Unidos e México, Argentina, Chile, Canadá e Nova Zelândia.

Como autor, tem quinze livros publicados, e seria tedioso mencionar sua participação efetiva em Congressos de sua especialidade, em tantas oportunidades e em locais os mais variados e distantes, integrado à comunidade científica internacional.

As Sociedades Científicas e Culturais sempre o acolheram com carinho e respeito, mercê de suas qualificações, integrando nada menos que quatorze delas, sendo que de duas foi membro fundador: a Academia Mossoroense de Letras e a Academia Norte-rio-grandense de Ciências.

Este é o novo membro que a Academia Norte-rio-grandense de Letras vai acolher dentro em pouco.

Tudo isso porque faz parte de Benedito Vasconcelos Mendes esse espírito associativo, essa fixação em partilhar conhecimentos e habilidades, enfim, toda e qualquer experiência ou iniciativa que vise ao bem coletivo.

Não é por acaso, pois, que em 2003 surge a sua obra maior: o MUSEU DO SERTÃO, por ele concebido e executado em

propriedade sua, inteiramente às suas custas e de espontâneas doações, onde se tem uma visão panorâmica perfeita do sertão e dos hábitos da gente que o habita. Benedito, com precisão matemática, faz a retrospectiva de aspectos da religião, da música, da culinária, da literatura e das artes no sertão semiárido com todas as peculiaridades. Por perfeita sua análise e importante seu conhecimento, cito na íntegra: “ao contrário da arte do litoral açucareiro, a arte sertaneja é utilitária e não contemplativa, Os artistas do sertão direcionavam todo o seu talento, toda a sua inventividade para engendrar objetos úteis. Não eram artistas plásticos os que faziam artes no sertão. Eram mestres de ofício, como os velhos carapinas, ferreiros, louceiros, tanoeiros, flandeiros, rendeiras e muitos outros artífices que exercitavam as artes e os ofícios nos sertões atormentados pela seca.”

E, num perfeito corolário ao já analisado pelo genial Euclides da Cunha: a riqueza da região canavieira fez florescer as artes plásticas, valorizando o “belo”, enquanto a pobreza do Polígono das Secas fez surgir novos artefatos de uso, que auxiliaram na sobrevivência das populações locais durante as secas, valorizando assim o “útil”. Chama a atenção para a exceção de Vitalino, em Caruaru, e complementa: “as rendas, os bordados, o artesanato de palha, e as louças de barro, embora apresentem beleza plástica, são peças de uso diário da população”.

Eu complemento: o surgimento ocasional de grandes figuras nessa outra área não desmente a tônica do viés delineado por Benedito Mendes, visto que aqui mesmo, no nosso Rio Grande do Norte, temos esplêndidas manifestações nesse diapasão.

Uma visita ao Museu do Sertão, de resto totalmente franqueada, sem ônus, a quem se interessar, se faz indispensável a todo aquele que tiver interesse, na civilização da seca.

Este é o Benedito que hoje recebemos e que tem sobre os ombros a pesada carga da sucessão de grandes nomes da vida potiguar. Mas ele vem com o lastro de sua inteligência, de seu preparo e do seu espírito realizador, pelo que estamos convictos, nós, seus pares, que ora lhe damos as boas-vindas, de quão acertados

andamos em apontá-lo como sucessor legítimo de uma bela linhagem na Cadeira 38 desta Academia.

Tinha plena razão Vingt-un Rosado quando, já em 2001, publicou a biografia de Benedito pela Coleção Mossoroense, intitulando-a: “Benedito Vasconcelos Mendes, um sábio do nordeste semiárido.”

Na invocação de Luiz Antonio, José Tavares, Vingt-un e América Rosado, eu lhe digo, em meu nome e dos meus ilustres colegas: Seja muito bem-vindo a esta Casa.

Discurso de posse do Acadêmico Benedito Vasconcelos Mendes no dia 13.05.2013

Senhoras e Senhores Acadêmicos
Minhas Senhoras e Meus Senhores.

Neste momento sublime, de grande significação para mim, em que tomo posse na cadeira N° 38 da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, quero, inicialmente, agradecer aos ilustres acadêmicos, que me elegeram com a simpática distinção da unanimidade, para fazer parte do quadro de Sócios Efetivos desta colenda agremiação. A benevolência dos senhores sócios em me aceitar, como confrade, no seio desta respeitável Casa do Saber, reacende, em meu espírito, uma sensação de vitória e de alegria ao receber este importante prêmio, com muita honra. Às vezes fico em dúvida se meus méritos culturais são suficientes para justificar minha entrada em tão nobre e importante Instituição. Como quer que seja, a todos os acadêmicos que me outorgaram essa elevada distinção de ser Sócio Efetivo da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, vão aqui os meus mais profundos agradecimentos.

Chego à casa de Luis da Câmara Cascudo e de Henrique Castriciano de Souza com a alegria própria de quem recebe uma grande homenagem, e, com a humildade de principiante, na esperança de tornar-me útil ao trabalho dos que fazem esta nobre Entidade. Sinto-me feliz e honrado por estar aqui. Espero que a confiança em mim depositada, por ocasião da minha eleição, se perpetue por toda a nossa convivência no ambiente desta Casa de Cultura.

É tradição das academias de letras receber cientistas e artistas em seu quadro de Sócios Efetivos. Venho da área de ciência. Sou Engenheiro Agrônomo, com mestrado e doutorado em doenças de plantas. Permitam-me dizer que me tornei conhecido, nacionalmente, pesquisando nematóides parasitas de raízes de

vegetais. Fui Presidente de duas instituições científicas em nível nacional, Sociedade Brasileira de Fitopatologia e Sociedade Brasileira de Nematologia, e Vice-Presidente da Sociedade Botânica do Brasil. Publiquei quase meia centena de trabalhos técnico-científicos nesta área do conhecimento agrônomo. Depois, passei a me dedicar ao estudo do Semiárido nordestino, quando pesquisei a vegetação, a fauna, o clima, os solos e os recursos hídricos do Polígono das Secas. Estudei o meio físico e biológico do Nordeste Seco e deixei para estudar, por último, o homem, figura principal da natureza regional. Somente nos últimos dez anos de minha vida profissional venho me aventurando a estudar o sertanejo, seus hábitos, costumes, tradições, crenças, religiosidade, culinária, medicina caseira, poesia de cordel, música regional, arte, arquitetura de taipa, engenharia empírica e a história do seu cangaceirismo. Com isto, um mundo novo se abriu para mim. Deixei de exercitar a redação científica, que é resumida, fria, literal, rigorosa, conforme as normas científicas, para pôr em prática a escrita emotiva, sentimental, da sociologia da caatinga, com todas as implicações emocionais proporcionadas pelas secas, que se abatem sobre o nordeste brasileiro. Para retratar os sentimentos e o *modus vivendi* do sertanejo, tive de desenvolver uma nova maneira de escrever, sem as amarras das regras da literatura científica, por sua natureza, sem emoção, extremamente exata, alheia ao colorido dos adjetivos. Para traduzir a interação do homem regional com a terra quente e seca, tive a necessidade de praticar uma prosa enriquecida pela emoção, enfim, com a sentimentalidade necessária à descrição fiel das atitudes humanas. A problemática das secas regionais só pode ser descrita, com exatidão, com palavras saídas do coração, capazes de traduzir os momentos de alegria, de tristeza e de desespero, proporcionados pela realidade da vida atormentada pelas crises climáticas do homem da Civilização da Seca. Etnicamente, a Civilização da Seca foi formada há pouco mais de 300 anos, após a Guerra dos Bárbaros (1687-1704), pela miscigenação das três etnias, com a mistura de suas respectivas culturas, existentes no sertão nordestino por ocasião da colonização, ou seja, a etnia branca colonizadora, a Tapuia,

que já vivia no Semiárido, e a negra, vinda da África como escrava. O caboclo nordestino, cidadão típico da Civilização da Seca, outrora representado pelos tipos humanos que povoavam o sertão seco de antigamente, como o vaqueiro, o cangaceiro, o jagunço, o curandeiro, o raizeiro, o beato, o penitente, o repentista, o rabequeiro, o violeiro e outros, me estimulou a organizar, ao longo de mais de 40 anos, o Museu do Sertão, localizado na Fazenda Rancho Verde, a quatro quilômetros da cidade de Mossoró, com mais de 1.500 peças no seu acervo. São objetos, utensílios domésticos, apetrechos de trabalho, implementos agrícolas, equipamentos e máquinas das agroindústrias do passado (casa de farinha, engenho de rapadura, alambique de cachaça, descarçador de algodão, casa de beneficiamento de cera de carnaúba, usina de óleo de oiticica, galpão de beneficiamento de borracha de maniçoba, galpão de preparo de fibra de caroá, oficina de carne de charque, cozinha de queijo de coalho e sala de fiar e tecer). O Museu do Sertão, instituição particular, que nunca cobrou ingresso nem recebeu dinheiro público, municipal, estadual ou federal, é fruto da minha paixão pelas coisas da Civilização da Seca. (Aproveito esta oportunidade para convidar os nobres confrades desta Academia para visitarem o Museu do Sertão. Ficarei muito honrado e feliz com a presença dos senhores naquele local de preservação da memória sertaneja).

Deus me concedeu o privilégio de ser aceito nesta Academia, justamente na cadeira N° 38, que foi ocupada pelos meus grandes amigos Vingt-Un Rosado e América Fernandes Rosado Maia. De comum acordo com o Presidente Diógenes da Cunha Lima, escolhi o destacado médico e intelectual Carlos Ernani Rosado Soares, sobrinho de Vingt-Un, para fazer a saudação regimental á minha pessoa, neste momento solene de minha posse neste sodalício. Muito obrigado, amigo Ernani Rosado, pelas palavras elogiosas a mim dirigidas, fruto mais de sua bondade, estimulada pela nossa amizade, do que propriamente o reconhecimento dos meus possíveis méritos científicos e culturais.

Tomou posse na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras no ano em que ela completa 77 anos de profícua existência, com

expressivos serviços prestados ao desenvolvimento das letras, das artes e da cultura em geral, no território potiguar. Analisando-se os trabalhos individuais (livros, plaquetas, artigos, obras de arte e outras contribuições culturais) dos acadêmicos, ao longo destas quase oito décadas de atividades da ANRL, constatam-se a grande quantidade e a excelência das contribuições intelectuais e artísticas ofertadas ao povo do Rio Grande do Norte, e do Brasil, pelos sócios desta Associação de homens de letras.

Ao fazer uma reflexão sobre as obrigações básicas que um acadêmico deve executar, concluí que este, primeiramente, deve contribuir para o desenvolvimento das letras, das artes, da ciência e da cultura no meio em que vive e, secundariamente, deve dedicar algumas horas do seu precioso tempo a melhorar a organização e o bom funcionamento da Academia. Para valorizar o segundo item, aproveito esta oportunidade para homenagear nove sócios desta notável Academia de Letras, não apenas pelos seus excelentes méritos literários, que, por si só, seriam suficientes para justificar-lhes esta homenagem, mas, principalmente, pelos trabalhos que realizaram em prol desta Academia. O primeiro que desejo homenagear é o idealizador e fundador desta Instituição, Luis da Câmara Cascudo. O segundo, Henrique Castriciano de Souza, primeiro Presidente desta Casa. A minha homenagem ao Ex-Presidente Manoel Rodrigues de Melo, que construiu este monumental edifício-sede. O meu reconhecimento ao Ex-Presidente Paulo Pinheiro de Viveiros, que, juntamente com o diretor responsável pela revista da Casa, Nestor Lima, lançou, em 1951, o primeiro número da importantíssima Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Quero felicitar, também, Veríssimo de Melo, que publicou o utilíssimo livro *Patronos e Acadêmicos*. Meu aplauso ao Padre Jorge O'Grady de Paiva, que idealizou as peças heráldicas da ANRL, bandeira, selo, timbre e clichê. A minha admiração ao Padre Luis Gonzaga do Monte que sugeriu o lema "Ad Lucem Versus", para a nossa Academia de Letras. Minha congratulação com o notável Ex-Presidente Onofre Lopes da Silva, que tanto contribuiu para o crescimento e aprimoramento desta organização de cultivo das letras. Meus

parabéns ao atual Presidente, Diógenes da Cunha Lima, que, ao longo de sucessivas gestões à frente deste sodalício, vem dinamizando as ações da Instituição, dando-lhe mais visibilidade, no que provoca a admiração e o respeito do povo a este templo das letras. Hoje, esta Academia encontra-se totalmente integrada à vida cultural de Natal e do Rio Grande do Norte.

Os primeiros 50 anos do século XX foram de grande importância para o crescimento artístico, cultural e das letras na cidade de Natal, e em todo o território potiguar. Ao longo dessas cinco décadas, foram criados o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (1902); O Teatro Carlos Gomes, atual Teatro Alberto Maranhão (1904); a Escola Doméstica de Natal (1914); a Escola Técnica de Comércio de Natal (1919); o Instituto de Música do Rio Grande do Norte (1933) e a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (1936). Nesse período, fundaram-se vários colégios, que contribuíram significativamente para o progresso educacional e cultural no nosso estado, como a Escola Normal de Natal (1908), o Colégio Nossa Senhora das Neves (1932), o Colégio Imaculada Conceição (1902), o Colégio Santo Antônio (Marista) (1930), o Colégio Salesiano São José (1936), além de outras instituições de ensino, entre as quais o velho Atheneu Norte-rio-grandense, criado ainda no século XIX, mais precisamente no ano de 1834. Nas décadas de 1940 e 1950 foram inaugurados os cursos superiores (Faculdade de Filosofia, Escola de Serviço Social, Faculdade de Farmácia e Odontologia, Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina), e em 1958, a Universidade Estadual, esta federalizada em 1960, com o nome de Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras foi criada em 1936, com 25 sócios fundadores. Mais cinco sócios foram admitidos em 1943; um, em 1960, mais um em 1964, e os oito últimos, para completar as 40 cadeiras, foram aceitos em 1967. O fundador da Academia, Luis da Câmara Cascudo, fez parte da primeira diretoria, no cargo de Secretário-Geral.

Particularizo a Cadeira número 38, que passo a ocupar nes-

ta data, e que tem como Patrono Luis Antonio Ferreira Souto dos Santos Lima, e como primeiro ocupante (sócio fundador da cadeira) José Tavares da Silva. O segundo e terceiro ocupantes foram Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia e sua esposa, América Fernandes Rosado Maia. Nas academias, a imortalidade dos acadêmicos é reforçada pela obrigatoriedade protocolar obedecida por todo novo sócio, ao tomar posse, quando faz o tradicional elogio ao patrono e a todos os acadêmicos que já ocuparam a referida cadeira. Em cumprimento ao preceito regimentar, farei um perfil, resumido, do fundador da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, do Patrono da Cadeira N° 38 e de todos os acadêmicos que a ocuparam.

O fundador da Academia

Luis da Câmara Cascudo é o melhor escritor potiguar, o mais conhecido e o que escreveu o maior número de livros, tendo publicado mais de 150 títulos, entre estes, as importantíssimas obras Dicionário do Folclore Brasileiro, Civilização e Cultura, Literatura Oral no Brasil, Vaqueiros e Cantadores, Canto de Muro, Rede de Dormir, e História da Alimentação no Brasil. Traduziu, do inglês para o português, o extraordinário livro Viagens ao Nordeste do Brasil, de Henry Koster. Intelectual dotado de invulgar cultura humanista, é considerado um dos maiores folcloristas do mundo. Foi também historiador, jornalista, professor, crítico literário, memorialista, sociólogo, antropólogo, etnógrafo, biógrafo, além de tradutor e musicólogo. É o escritor potiguar mais conhecido no Brasil e no exterior. Tinha mérito literário mais que suficiente, para pertencer à Academia Brasileira de Letras, mas nunca quis se candidatar a uma vaga na chamada Casa de Machado de Assis.

No Rio Grande do Norte, principalmente em Natal, conquistou, por mérito pessoal, a admiração de todos, e transformou-se, ainda em vida, na figura mais querida e importante de nossa terra. É o orgulho da gente potiguar. É o ídolo do povo e modelo para os intelectuais. Representa, para o Rio Grande do

Norte, o mesmo que Rui Barbosa para a Bahia, José de Alencar para o Ceará, e Gilberto Freire para Pernambuco. Sua figura se tornou tão notável que rara era a pessoa importante, procedente de outros estados ou de outros países, que não o visitasse em sua residência na Avenida Junqueira Ayres nº 377.

Nasceu, viveu e morreu em Natal. Veio ao mundo no dia 30 de dezembro de 1898 e encantou-se em 30 de julho de 1986.

Luís da Câmara Cascudo foi o intelectual mais completo, o detentor de cultura mais vasta, o escritor que produziu uma das mais importantes, substanciais e diversificadas obras da literatura brasileira, enfim, o mais eminente potiguar de toda a história.

Para completar estes resumidos dados biográficos, transcrevo o que escreveu sobre ele, sua filha, a confeitira Anna Maria Cascudo Barreto: “Criador de Universidade Popular, um dos impulsionadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, homem do século em votação espontânea e consagrada, foi nove vezes inspiração para uma série de selos dos Correios e Telégrafos, cédula de cinquenta mil cruzeiros (a de maior valor, na época); cartão de telefone, bilhete de loteria, nome de prêmios e concursos literários locais, nacionais e internacionais; fundador da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e da Academia Brasileira de Arte, Cultura e História; motivo de exposições e semanas de cultura no Estado e no sul do Brasil; nome de Colégio, no Rio Grande do Norte e no Rio de Janeiro, biblioteca, Museu e Memorial, este (graças a dedicação e empenho deste autêntico fiador de lembranças que é o jornalista Paulo Macedo, cujo trabalho em prol da cultura é justo ser destacado), pracinha, elevado em São Paulo, rua, avenida, agência bancária, sala de leitura, detentor de honrarias e medalhas internacionais, nada lhe fez perder a humildade e a ternura.

Diógenes da Cunha Lima, sentenciou ser ele “um brasileiro feliz”; Carlos Drummond de Andrade o considerava “um autêntico e fascinante homem/enciclopédia de erudição gigantesca”; Jorge Amado o rotulou de “gênio, cujo conhecimento chega às raias da impossibilidade”; Paulo de Tarso Correia de Melo, ana-

lisando-o, comentou “que talvez seja ele o único escritor do país que já teve sua imagem gravada em papel moeda nacional, selo do correio e em bilhete de Loteria Federal”.

Farei agora um perfil resumido do Patrono da Cadeira Nº 38

Luis Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima foi um eminente professor, farmacêutico e médico potiguar, que participou ativamente da vida cultural, social e política de Natal, na primeira metade do século passado. Nasceu no município de Açu, em 15 de setembro de 1890, mas viveu toda a sua vida profissional na cidade de Natal, onde morreu no dia 10 de abril de 1961.

Como professor universitário, foi catedrático de Clínica Médica, Vice-Diretor e depois Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Foi estudante de Direito em Natal, mas não chegou a concluir o curso.

Diplomou-se em Farmácia na cidade de Recife – PE, em 1919, e em Medicina na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, em 1926. Logo após sua formatura médica no Rio de Janeiro, veio para Natal trabalhar como clínico geral no Hospital Miguel Couto, à época dirigido pelo destacado médico Januário Cicco. Foi diretor dos hospitais: Miguel Couto, Hospital do Câncer (atual Hospital Luiz Antônio) e do Hospital Evandro Chagas, e chegou a ser nomeado, pelo então Reitor Onofre Lopes, para ser Diretor do Hospital das Clínicas da UFRN, porém faleceu no dia em que ia tomar posse. Fundou o Hospital do Câncer, que hoje tem seu nome.

De sua vida política, destacam-se três episódios: o primeiro, sua atuação na defesa de seus ideais libertários, na campanha cívica que encetou em prol dos constitucionalistas paulistas, fato este que lhe rendeu onze dias de cadeia, em 1932, ordenados pelo então Interventor do Rio Grande do Norte. O segundo, foi sua candidatura derrotada a Deputado Federal, em 1935, pelo Partido Popular, que era oposição à Ditadura Vargas. O terceiro episódio foi sua atuação como um dos fundadores, em 1945, da

UDN – União Democrática Nacional.

Segundo José Tavares da Silva, seu grande amigo e colega no curso de Medicina no Rio de Janeiro, Luis Antônio era “culto, inteligente, tinha honradez de caráter e espírito de caridade”. Quando José Tavares foi eleito Sócio Fundador da Cadeira Nº 38, da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, ele escolheu, como Patrono da referida cadeira, Luis Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima.

O PRIMEIRO OCUPANTE DA CADEIRA Nº 38

José Tavares da Silva foi um destacado médico-cirurgião natalense, professor universitário, poliglota e dotado de grande cultura. Nasceu em Natal no dia 14 de dezembro de 1900 e faleceu na mesma cidade no dia 28 de agosto de 1986.

Formou-se em Medicina no Rio de Janeiro, em 1926, na mesma turma de seu inseparável amigo e colega de trabalho nos hospitais de Natal, Luis Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima.

Foi professor de Anatomia e de Cirurgia Bucomaxilofacial da antiga Faculdade de Farmácia e Odontologia de Natal, e professor de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da UFRN, que ele ajudou a fundar.

De acordo com seu ex-colega de docência na Universidade, Carlos Ernani Rosado, ele foi pioneiro em Natal em cirurgias de grande porte, como histerectomias, cirurgia biliar e cirurgia gástrica, além de intervenções de urgência, tendo sido o primeiro a executar a raquianestesia em nossa capital. José Tavares implantou e dirigiu o primeiro serviço de pronto-socorro de Natal. Foi fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio Grande do Norte. Exerceu a chefia da Clínica Cirúrgica do Hospital de Caridade Jovino Barreto. Foi um dos fundadores e, depois, diretor presidente da Casa de Saúde São Lucas. Ajudou a criar e presidiu, por longo período de tempo, a Liga Norte-rio-grandense de Combate ao Câncer, Instituição que contribuiu para a organização e aparelhamento do Hospital do Câncer Dr. Luis Antônio.

Foi, em duas ocasiões, 1930 e 1947, diretor do Departamento de Saúde Pública do nosso estado, que corresponde hoje à Secretaria Estadual de Saúde. Seu grande biógrafo, Carlos Ernani Rosado, nos revela ainda que Tavares viajava frequentemente ao sul do país para cursos e estágios e, por várias vezes, esteve no exterior, com igual objetivo.

José Tavares foi também político, filantropo, intelectual e líder classista. Foi eleito Deputado Estadual em 1935, ocasião em que doava seus proventos de deputado a uma instituição de caridade que cuidava da colônia de leprosos e de seus filhos necessitados, dirigida pelo seu amigo Varela Santiago.

Onofre Lopes, que o saudou quando de sua posse na Cadeira N° 38 da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, como seu primeiro ocupante, assim se expressou: “(José Tavares) não escreveu livros, mas espalhou cultura... A Academia o elegeu. Reconheceu que você fez obra imorredoura e realizou o ideal de cultura do seu tempo. Você fez outra obra literária. Esta é uma festa do espírito. É um reconhecimento. É uma justiça. É um aplauso... Amigo de todas as horas. Sempre solícito e leal, despreendido e bom”.

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES,

Irei falar agora do meu grande amigo Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia que foi um intelectual norte-rio-grandense que nasceu e viveu na cidade de Mossoró-RN, a que prestou importantes contribuições para o desenvolvimento da cultura, das artes, e da ciência brasileira. Nasceu no dia 25 de setembro de 1920, como caçula do casal Jerônimo Rosado e Isaura Rosado Maia. Embora pertencente à tradicional e destacada família política potiguar, fez opção pela vida cultural, dedicando todo o seu tempo e o seu entusiasmo ao engrandecimento das artes, da cultura e das ciências. Seu pai foi Intendente, e três dos seus irmãos foram prefeitos de Mossoró. Dos seus três irmãos políticos, Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia foi governador do estado do Rio Grande do Nor-

te, Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia foi Senador da República, e Jerônimo Vingt Rosado Maia foi um dos deputados federais que exerceram maior número de mandatos na Câmara Federal. Atualmente, vários de seus sobrinhos e um neto estão na militância política, mantendo assim a tradição da família. Foi casado com a mineira e também professora da Escola Superior de Agricultura de Mossoró, América Fernandes Rosado Maia, a quem conheceu quando estudava em Lavras-MG, e com quem teve cinco filhos: Maria Lúcia Fernandes Rosado do Amaral, Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia Sobrinho, Lúcia Helena Rosado da Escóssia, Isaura Ester Fernandes Rosado Rolim e Leila Fernandes Rosado.

Seu curso superior foi realizado em Minas Gerais, quando estudou Engenharia Agrônômica, na tradicional Escola Superior de Agricultura de Lavras-ESAL. Logo que se formou, voltou para sua terra natal, onde realizou um gigantesco trabalho cultural e científico.

Foi amigo leal, tolerante, cordial, prestativo e solidário. Soube fazer amigos e preservar as boas amizades, pela convivência agradável que mantinha, devido à sua simplicidade, à sua afabilidade e, acima de tudo, à extrema fidelidade que dispensava aos amigos. Tinha uma capacidade enorme de compreender as pessoas que lhe eram caras. Foi uma das melhores figuras humanas que conheci. Tive o privilégio de ser-lhe amigo por 35 anos. A admiração que tinha pelo seu caráter e pelo seu trabalho solidificou essa afinidade no relacionamento que tivemos, e proporcionou a profunda amizade que vivenciamos.

Como amigo, como chefe e como idealista foi um exemplo de dignidade e de honradez. No trabalho, não se cansava da perseguição dos seus ideais. Vingt-Un nos ensina com a sua lição de vida.

Como cidadão, a vida de Vingt-Un foi uma aula de civismo, de humanismo e de idealismo. Sua marcante personalidade, sua extraordinária capacidade de trabalho e sua determinação fizeram com que ele sempre trilhasse os caminhos do pioneirismo, com muito idealismo e sabedoria, conseguindo realizar, quase

sempre, o que planejara. Em tudo o que fez, procurou dignificar os valores morais e culturais.

Sempre teve o trabalho cultural, que desenvolveu como um sacerdócio, e o culto aos valores morais e intelectuais como hábito. Sua presença, devido à forte personalidade que externava, sensibilizava o interlocutor, inibindo os mal-intencionados e despertando um sentimento de admiração nas pessoas detentoras de caracteres bem formados. Enfim, Vingt-Un foi um homem íntegro, lutador, sábio e bom.

Concretizou vários de seus ideais, entre estes, a fundação da Escola Superior de Agricultura de Mossoró e da Coleção Mossoroense. A então ESAM, hoje Universidade Federal Rural do Semiárido – UFRSA, sonhada por ele desde a década de quarenta, e inaugurada em 1967, é hoje uma das mais importantes instituições de ensino superior do país, já tendo ministrado o melhor curso de Engenharia Agrônômica do Norte e do Nordeste do Brasil. Entre as entidades brasileiras que editavam livros, sem fins lucrativos, a Coleção Mossoroense foi uma das que se destacaram pela agressividade de sua programação editorial. De todas as instituições culturais nordestinas, a Coleção Mossoroense é a que editou o maior número de obras relacionadas com as secas que ocorrem periodicamente no nordeste do nosso país.

Foi um amigo da ciência, de valor reconhecido, tendo, inclusive, sido homenageado por renomados paleontólogos, que lhe usaram o sobrenome, Rosado, para batizar seis novos táxons de fósseis descobertos na Chapada do Apodi, no estado do Rio Grande do Norte. Para marcar os 70 anos de Vingt-Un, o grande zoólogo brasileiro, José Cândido de Melo Carvalho, homenageou-o com uma nova espécie patronímica de Hemíptero.

Foi professor Honoris Causa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, professor emérito da Escola Superior de Agricultura de Mossoró, primeiro sócio honorário da Sociedade Brasileira de Paleontologia, primeiro sócio honorário da Sociedade Brasileira de Nematologia, primeiro sócio honorário da Sociedade Brasileira de Algaroba, e sócio honorário da Academia Cea-

rense de Farmácia. Recebeu o diploma de Amigo da Cultura, do Conselho Estadual de Cultura do Ceará, Medalha do Mérito da Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais de Pernambuco, Medalha do Mérito Alberto Maranhão, outorgada pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte, por indicação do Conselho Estadual de Cultura; Medalha do Mérito Administrativo Darcy Ribeiro, concedida pela Câmara dos Deputados (Brasília, 2002); Medalha do Mérito Legislativo, outorgada pela Câmara dos Deputados (Brasília, 2005); Diploma de Personalidade Cultural, da União Brasileira de Escritores (Rio de Janeiro, 1990), e várias outras comendas de instituições culturais nacionais.

Vingt-Un sempre sonhou com a criação de museus, bibliotecas, faculdades, institutos de pesquisa e instituições congêneres. Muitos desses sonhos foram realizados, graças ao seu trabalho, entusiasmo e persistência. Seu maior sonho, no entanto, foi a criação da então Escola Superior de Agricultura de Mossoró, criada em 1967, e à qual dedicou boa parte de sua vida.

A Coleção Mossoroense, idealizada, fundada e editada, por muito tempo, por ele, é uma de suas criações com grande divulgação em nível nacional, editorando mais de 4.539 títulos, dos quais 1.567 livros, e que é responsável pela edição da maior bibliografia sobre secas do país, com aproximadamente 700 títulos. Desde a sua criação, em 1949, até a morte de Vingt-Un, em 2005, a Coleção Mossoroense teve como editor o próprio fundador.

Desde a época de estudante, Vingt-Un cultivava verdadeira veneração por bibliotecas. Quando cursava o primeiro grau no Ginásio Diocesano Santa Luzia, foi bibliotecário da Biblioteca Cônego Estevam Dantas, daquele estabelecimento de ensino. Idealizou, e ajudou a criar, várias outras bibliotecas, como a Biblioteca Orlando Teixeira, da ESAM, Biblioteca Raimundo Nonato da Silva, da Fundação Guimarães Duque, Biblioteca do Hospital Francisco Menescal, do antigo Instituto Brasileiro do Sal, Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte, entre outras.

A criação do Museu Municipal de Mossoró e dos quatro

museus da ESAM demonstra bem o seu interesse pela preservação dos fatos históricos e pelo aprendizado científico. O Museu de Paleontologia Vingt-Un Rosado, o Museu de Geologia Antonio Campos, o Museu de Zoologia e o Museu da Memória da ESAM, todos da atual Universidade Federal Rural do Semiárido, criados sob a sua inspiração e colaboração, atestam-lhe a convicção que tinha da importância dessas instituições para o aprimoramento cultural e científico dos seus usuários.

Difícil é encontrar alguma entidade cultural ou científica criada em Mossoró, nos últimos 60 anos de sua vida, que não lhe teve a participação no processo de fundação. A criação do Instituto Cultural do Oeste Potiguar-ICOP, da Academia Mossoroense de Letras-AMOL, da Academia Norte-Rio-Grandense de Ciências-ANOCI, do Núcleo Mossoroense da União Brasileira de Escritores e da Sociedade Cultural e Recreativa dos Engenheiros Agrônomos de Mossoró-SCREAM contaram com a participação ativa de Vingt-Un Rosado. Além da sua contribuição para a fundação da AMOL, da ANOCI e da SCREAM, foi ainda o primeiro presidente dessas três Instituições.

Vingt-Un criou, na Coleção Mossoroense, a Bibliografia da Seca, que conta hoje centenas de obras, inclusive uma coleção especial de 21 livros, encerrando 252 trabalhos sobre secas, de muitos autores, denominada de Livros da Seca. A Coleção Mossoroense é detentora da maior bibliografia sobre secas, já publicada por uma única instituição no país. Muitos livros da Coleção Mossoroense tornaram-se de leitura obrigatória para quem estuda o Nordeste.

Esse depoimento é fruto do conhecimento que tenho sobre a vida de Vingt-Un, adquirido na convivência quase diária por mais de 35 anos de amizade ininterrupta. Não me detive em detalhes de sua vasta obra literária, tampouco de sua vida particular. Analisei, apenas, alguns aspectos de sua vida pública, sob a ótica tridimensional do saber, do idealismo e da capacidade realizadora. Esta é a visão que tenho deste homem extraordinário, que soube viver crescendo moralmente, espiritualmente e intelectualmente.

Todavia, a maior obra de Vingt-Un foi o seu exemplo de vida.

América Fernandes Rosado Maia nasceu em uma pequena cidade mineira, à época nominada Gimirim, hoje Poço Fundo, no dia 12 de março de 1922. Era filha do farmacêutico Américo Brasil Fernandes e da professora primária Esther Pereira Fernandes. Ainda criança foi estudar em Campinas, desenvolvida cidade do interior paulista, onde cursou o primário, secundário, e o curso pedagógico na conceituada Escola Normal “Carlos Gomes”, este terminado em 1940.

Em 1943, foi ser professora primária em Cosmópolis-SP, e nos anos de 1944 e 1945 voltou para o sul de Minas, mais precisamente para Lavras, onde foi professora primária do destacado colégio Carlota Kemper, do Instituto Gammon.

Em 1944, a professora América Pereira Fernandes, então com 22 anos de idade, conheceu o então formando em Engenharia Agrônoma da famosa Escola Superior de Agricultura de Lavras-MG, o mossoroense Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia, e no dia 2 de abril desse mesmo ano começaram a namorar, tendo se dado o primeiro encontro em um banco da Praça dos Ipês, no centro de Lavras. No dia 4 de outubro de 1947, ela com 25 anos, e ele, 27, casaram-se em Mossoró-RN.

Na cidade de Mossoró, ela voltou a lecionar, agora no Instituto de Educação, onde ensinou Geografia, História e Português, de 1953 a 1958.

Em 1970 terminou o curso superior de Assistente Social na outrora Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte, hoje Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.

Em 1971, passou a integrar o quadro de professores da antiga Escola Superior de Agricultura de Mossoró. Na ESAM, iniciou-se como Auxiliar de Ensino, e em 1978 fez concurso para professor titular, e continuou a ensinar Sociologia Rural e Estudos Regionais no curso de Engenharia Agrônoma, e Introdução

à Sociologia no curso de Tecnólogo em Topografia.

Em vida, a professora América recebeu diversas homenagens. Em 1976, o título de cidadania mossoroense, outorgado pela Câmara Municipal de Mossoró. Em 1991, a Medalha Nísia Floresta, da Prefeitura Municipal de Natal. Em 1992, o título de Professora Emérita da Escola Superior de Agricultura de Mossoró, atual UFERSA. O Instituto Cultural do Oeste Potiguar – ICOP lhe concedeu, em 1998, o diploma de Sócio Benemérito. Foi sócia honorária da Sociedade Cultural e Recreativa dos Engenheiros Agrônomos de Mossoró (SCREAM), sócia correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, sócia fundadora da Academia Mossoroense de Letras (AMOL), sócia fundadora da Academia Feminina de Letras e Artes Mossoroense (AFLAM). Na AMOL, escolheu a cadeira Nº 20, vizinha à cadeira Nº 21, ocupada por Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia. Escolheu como patronesse de sua cadeira na AMOL, Santa Guerra (Caetana de Brito Guerra). Foi um dos incentivadores da comissão que idealizou e fundou a AMOL, que era constituída por Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia, Benedito Vasconcelos Mendes, Raimundo Soares de Brito e Paulo de Medeiros Gastão. Com 85 anos de idade, participou da criação da AFLAM. Na AFLAM, para homenagear Vingt-Un, a professora América escolheu a cadeira Nº 21. A professora América, coincidentemente, morreu no mesmo dia e no mesmo mês em que Vingt-Un morreu (21 de dezembro), só que quatro anos depois (2009).

Foi sócia efetiva da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, ocupando a cadeira Nº 38, que fora ocupada pelo seu esposo, Vingt-Un Rosado. Tomou posse um dia depois de completar 87 anos de idade, a 13 de março de 2009, ano também do seu encantamento. Foi uma posse diferente e muito festiva. Faz parte das normas estatutárias da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, a obrigatoriedade de o acadêmico tomar posse no Salão Nobre, da sede da Academia, em Natal, mas devido à idade e ao estado de saúde precário de Dona América, o Presidente Diógenes da Cunha Lima abriu exceção, e foi a Mossoró, acompanhado por uma comissão de quatro acadêmicos, dar posse à profes-

ra América, no Auditório da Estação das Artes Eliseu Ventania. Acompanhavam o Presidente Diógenes da Cunha Lima, os confrades João Batista Pinheiro Cabral, Francisco Fausto de Medeiros, Élder Heronildes da Silva e a confeitira Anna Maria Cascudo Barreto. Foi uma noite memorável, que ficou marcada na memória cultural de Mossoró. Estavam presentes, além dos membros da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, representantes das seguintes academias: Academia Mossoroense de Letras – AMOL, Academia Feminina de Letras e Artes Mossoroense – AFLAM, Academia Apodiense de Letras – AAPOL, Academia de Estudos e Letras de Sobral, Academia Cearense de Letras e Academia de Letras e Artes do Ceará – ALACE. No dia seguinte ao da posse (14 de março de 2009), houve uma homenagem à professora América pelo Diretor Presidente do Museu do Sertão, a qual constou de uma visita às instalações do museu e, depois, do oferecimento de um almoço de confraternização na Fazenda Rancho Verde, sede do referido museu, onde um grande número de intelectuais estiveram presentes, inclusive a então Prefeita de Mossoró, Maria de Fátima Rosado Nogueira, que fez um emocionado discurso parabenizando a recém empossada acadêmica e ao presidente e demais representantes da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. O Presidente Diógenes da Cunha Lima, ao usar da palavra, no Museu do Sertão, confessou: “Permitam-me dizer que poucas vezes, na minha vida, tive emoção tão grande... Estar aqui em Mossoró, sem Vingt-Un, homenageando sua memória, ele que foi meu amigo, condutor e orientador... Fugi a todos os parâmetros para trazer para dentro da ANRL, Dona América Fernandes Rosado Maria, a quem amo”.

A professora América escreveu e organizou vários livros e plaquetas, a maioria sobre Vingt-Un, dos quais se destacam: Dicionário do Pioneirismo de Vingt-Un, Antologia sobre Vingt-Un, bibliografia de e sobre Vingt-Un Rosado no Boletim Bibliográfico e na Coleção Mossoroense, e uma série de livros intitulados: Vingt-Un I, Vingt-Un II... Vingt-Un XX.

Muito obrigado!

Discurso de saudação de Ernani Rosado ao Acadêmico Paulo Bezerra

 característica fundamental das Academias consiste exatamente na manutenção estrutural- filosófica e espiritual das mesmas, substituídas suas peças , por mais nobres, importantes, inesquecíveis que sejam.

Isso garante a continuidade de princípios, de objetivos, de atitudes, de gestos que, sob o manto acadêmico, prosseguem pelos tempos, e com a inspiração maior dos antecessores, que jamais são esquecidos – daí serem rotulados de imortais – assim entendida a perenidade espiritual que vai muito além da continuidade física.

Ninguém definiria melhor do que Ruy Barbosa, discursando no enterro de Machado de Assis, exatos cem anos atrás : “ Mestre e companheiro, disse eu que nos íamos despedir. Mas disse mal. A morte não extingue, transforma; não aniquila, renova; não divorcia, aproxima”. Isso teríamos a dizer a Oswaldo Lamartine.

Não podemos fugir ao determinismo histórico e fisiológico. Assim, a “moça Caetana” também conhecida como a “indejada das gentes” frequentemente nos leva a substituições que gostaríamos que não acontecessem, e que fogem ao nosso domínio e entendimento.

A Cadeira número 12 tem como Patrono um dos maiores juristas que o Rio Grande do Norte produziu - Amaro Cavalcanti, e ocupada inicialmente pela ciclópica figura de Juvenal Lamartine, veio a ter como titulares duas pessoas da maior pureza e autenticidade : Veríssimo de Melo e Oswaldo Lamartine. A alma do povo, os sentimentos mais puros e tradicionais de nossa gente foram a motivação da obra dos dois ilustres acadêmicos, cada um

na sua vertente, formando ao lado do nome maior da nossa Academia – Luis da Câmara Cascudo.

Faço agora, de público, a revelação que já fiz nesta Academia. Quando me candidatava à vaga deixada pelo meu inesquecível colega e amigo Grácio Barbalho, cumpri o ritual de pedir o apoio a cada um dos acadêmicos.

Cheguei à casa de Oswaldo Lamartine onde convalescia de uma cirurgia. Atendeu-me com a costumeira amizade e fidalguia; já havia sido contatado por quem considerava seu irmão - Vingt-un Rosado; naturalmente a conversa fluiu fácil e eu tive uma lição adicional sobre ferros de marcar e outras facetas do ciclo do gado. A certa altura me diz Oswaldo : agora, tem uma coisa – eu quero seu voto para Paulo de Balá me substituir na Academia.

Que é isso, Oswaldo ? V. está aí firme e forte ! Não, não se trata disso, quero seu apoio. Certo Oswaldo, terei o maior prazer no tempo oportuno, entre outras e demais coisas por se tratar de um amigo de mais de 50 anos, cheio de boas qualidades.

Já aí, meu caro Acadêmico Paulo Bezerra , v. estava sagrado cavaleiro andante desta Casa, unguido pelo grande Oswaldo Lamartine, que fez a mesma peroração com diversos acadêmicos.

O difícil, minhas senhoras e meus senhores, seria convencer Paulo Bezerra a se candidatar quando chegasse a hora, posto que uma das suas características fundamentais é a modéstia e também o retraimento do sertanejo autêntico.

Esta Casa recebe hoje uma figura singular. Paulo Frassinete Bezerra é acariense, último filho de uma prole de dez irmãos. Silvino Adonias Bezerra, vulgo Balá, foi casado com Maria de Jesus Bezerra. Daí numa marca muito própria do sertão, o caçula passou a ser conhecido como Paulo de Balá. Nascido e criado em ambiente tipicamente sertanejo, o menino Paulo guardará fidelidade eterna às suas raízes, umbilicalmente preso pelos laços de infância e juventude.

Marcou passagem estudantil pelo Grupo Escolar Tomás de Araújo, Ginásio de Caicó, pelo Colégio de Alfenas em Minas

Gerais, e na Faculdade de Medicina do Recife – Universidade Federal de Pernambuco – onde se formou em 1960, nesta última qualificado como um dos seus excelentes alunos.

Foi um dos primeiros médicos da nova geração a escolher a Radiologia como especialidade, numa época em que a mesma se limitava aos clássicos aparelhos de Raio- X. Os diversos desdobramentos – ultrassonografia, ressonância magnética, tomografia computadorizada, viriam a surgir com o tempo, e atrair inúmeros profissionais a tal ponto que hoje a especialidade é rotulada como Imagenologia, com seus campos de sub-especialização.

Após seu estágio no Rio de Janeiro, no Hospital dos Servidores do Estado, o famoso Hospital do IPASE, à época um dos melhores do Brasil, foi convidado para lá permanecer. Mas as areias douradas de Copacabana, o charme de Ipanema, o Maracanã do nosso Flamengo, não foram suficientes para prender o sertanejo firme e de raízes já bem plantadas.

E ele voltou para uma muito bem sucedida carreira médica, onde trabalhou ao lado de Carlos Passos, e sobretudo com a extraordinária figura de José Jorge Maciel, com quem fundou esse sólido Instituto de Radiologia de Natal, contando até hoje com os descendentes tanto de Passos como de Maciel, do seus filhos Zeca, de memória sempre lembrada e de Olímpio, e já agora acrescida dos seus netos, tendo ainda agregado a excepcional pessoa de Silvino Lamartine, seu sobrinho Sérgio, e somando outros grandes valores da especialidade em nosso Estado.

Sempre foi um amante das letras. Dotado de memória privilegiada, sabe centenas de poemas que recita de fio a pavio, conhecendo ademais a história que os cerca. Guardou através dos anos, muito antes da era da informática, cadernos que registram essa paixão literária.

É poeta bissexto, e glosador ocasional.

Mas Paulo é um observador precioso e analista do seu entorno geográfico e psico-social. Começou a botar no papel o fruto de suas lembranças, as quais ficariam talvez perenemente

guardadas em seus baús, não fosse a interferência do Destino. O eterno imponderável que cerca as nossas decisões nos foi amplamente favorável.

Paulo começou a trocar ideias com o jornalista Woden Madruga, que, com igual viés telúrico, passou a publicá-las regularmente em sua coluna, com enorme repercussão, retorno trazido dos leitores, sempre a cobrar novas recordações.

E aí, surgiu o Paulo escritor : reuniu várias dessas crônicas, e nasceu assim o “Cartas dos Sertões do Seridó”, que, insuficiente para abrigar todo o acervo foi seguido de “Outras cartas dos Sertões do Seridó “.

Poucas palavras têm a variedade de adjetivação e a versatilidade de “carta” – no coloquial, nas linguagens jurídica, bancária, geográfica: traduz desde a Constituição Inglesa (Magna Carta), e expressa, ademais o caráter intimista do nosso dia a dia em tantas situações em que as utilizamos.

Cartas representam um recurso dos mais ricos e versáteis dentro da linguagem escrita, tantas são suas variedades e variantes. Igualmente Paulo, o apóstolo, realizou seu gigantesco trabalho de evangelização com as “Cartas” que dirigia a diversos povos.

Seguiu Paulo Bezerra a mesma linha de Rainer Maria Rilke que em cartas, no caso a um jovem poeta, transferia suas ideias e conselhos a Franz Xavier Kappus; aqui no Rio Grande do Norte tão bem representada esse vertente por Eloy de Souza e Hélio Galvão.

Com cartas Daudet escreveu o belíssimo “Lettres de mon moulin”. Elas podem ter um destinatário, por vezes simples pretexto. Vicente Serejo nos brindou com magníficas coletâneas de “Cartas da Redinha” , onde supostamente estava escrevendo ao seu Diretor. Conhecendo o temperamento de Paulo Bezerra tenho certeza de que, originalmente, ele pensava apenas em passar informações e trocar ideias com Woden Madruga, este sim, em boa hora, resolveu trazê-las a lume.

Não se pode compreender o homem, e por via de consequência a sua obra, sem ir buscar suas raízes.

O Seridó potiguar compreende 23 municípios abrangendo menos de dez mil quilômetros quadrados. É Fernando Melo do Nascimento que cita um seu estudioso: “ É uma região estranha. Ondulada, pedregosa, estéril em grande parte, quase sem vegetação nas terras altas, recebendo escassa pluviosidade”.

E de um seridoense legítimo – Aduino Guerra Filho – recolhido:

*“Seridó do vaqueiro que acossa o touro no íngreme cerrado
E não esquece o gado que malha ao pino do meio dia.
Seridó do camaleão que iguala a sua cor à da árvore que o protege
E do tejuacu que brinca entre as sapopemas da oiticica;
Seridó das juremas, dos pereiros, dos mofumbos,
Paradas para descanso das ovelhas quando voltam do bebedouro.
Seridó do sertanejo que desperta ao raiar do sol
E moureja até o entardecer.
Seridó do cão, do boi, do cavalo, do jumento que servem ao homem em
todas as horas
Seridó de tantos homens ilustres do passado
Que gravaram uma bela história para as gerações futuras”.*

Esse é o Seridó para o qual Paulo Bezerra, proustianamente, voltará com suas recordações.

O Seridó apresentou particularidade única no processo de colonização. Dom José Adelino Dantas, em “Homens e fatos do Seridó” diz:” o português que para aqui veio era da melhor estirpe. Não veio sozinho. A Borborema derramou no Seridó muita gente vinda de Pernambuco , da Paraíba e até da Bahia. Raça forte para colonizar uma terra forte!”

Outro seridoense da melhor cepa – Jayme da Nóbrega Santa Rosa – assim analisa : “ povo de boa saúde, pacífico de natureza, coragem para enfrentar obstáculos no serviço e trabalhar na adversidade”.

O saudoso confrade Tarcísio Medeiros chama nossa aten-

ção que era exatamente essa colonização do século XVIII, feita por portugueses do Entre Minho e Douro, e provenientes do Alto Sertão da Bahia, o que chegou a gerar conflitos pela concepção diferente de vida. Obtinham a saúde os novos donos da terra por que viviam em ambiente seco, trabalhando em fazendas mistas, pequenas mas cuidadas, que produziam para o consumo alimentos protetores como leite, coalhada, queijo, carne, feijão, cereais, e frutas (melancia, melão, pinha, mamão, caju, goiaba), e ainda comiam caças, mel de abelha e frutos do mato. A fortaleza do ânimo derivava da necessidade de vencer a natureza somente dadivosa no geral em seguida a um trabalho duro, esclarecido, persistente. Essa gente seridoense foi alvo de alentada pesquisa do nosso sempre lembrado companheiro Olavo de Medeiros Filho.

E com sólidas raízes seridoenses, eu encontrei minha esposa – Madalena – legítima descendente dos Bezerra de Acari (os mesmos de Paulo) e Medeiros de Caicó, pelo lado materno, e pelo paterno dos Lopes e Galvão, de Currais Novos, daí ser fácil explicar porque um legítimo mossoroense de quatro costados quer tanto bem à região do Seridó.

Os seridoenses, mercê dessa ascendência, apresentam biótipo diferente, de altura acima da média de outras regiões; é comum, ademais, encontrarmos os sertanejos morenos de olhos azuis, tantos Wan der Leys e outros descendentes de holandeses que lá aportaram.

Busco essas raízes, seguindo o exemplo do mestre maior – Euclides da Cunha: não entra na análise da saga de Canudos, sem antes rever o que compunha o cenário da região e o homem que nela habita.

Isso o seridoense guarda e guarda muito, cultiva e cultiva bem. Tantos foram e são seus filhos a preservar a tradição secular. Juvenal Lamartine foi padrão nessa vertente.

Oswaldo Lamartine, fiel à sua linhagem, foi outro deles. O último Príncipe do Reinado do Sertão de Nunca-Mais, na brilhante e inspirada alocução de Vicente Serejo ao recebê-lo nessa Casa, determinou, em vida, seu herdeiro não só aqui como na

manutenção da tocha simbólica. E ele sabia o que estava fazendo. Não eram simplesmente os laços de parentesco que o uniam a Paulo Bezerra. A vinculação era espiritual, autêntica, alimentada pelo fogo sagrado do amor à terra seridoense.

E Paulo, observador metuculoso e escritor ainda mais inspirado, começou a ir descrevendo sua vivência, com seu acendrado amor à terra natal, sua Acari, a cidade sorriso, a cidade mais limpa do Brasil, epítetos que já me eram anunciados pelo meu dileto amigo e tio da minha esposa Luiz G. M. Bezerra, que denominamos carinhosamente de “Cônsul de Acari em Natal”. Como se fosse pouco, Acari tem uma serra que abriga um fenômeno migratório de aves, absolutamente singular e até hoje incompletamente explicado, que acontece anualmente, e que dá o epônimo de Serra das Andorinhas ao destino final dessa migração regularmente repetida. E seguramente, o acariense dirá com orgulho ser de lá o Cardeal – D. Eugênio Sales, e, em outra vertente, ter visto nascer o ex presidente da Central de Trabalhadores, o Vicentinho. Nunca, mas nunca mesmo, deixarão de registrar que sediam o açude mais lindo do Nordeste, o Gargalheira, que Paulo historia desde o nascimento em 1913, e que protesta veementemente com a inclusão do “S” final que lhe foi acrescentado indevidamente.

Nada escapou ao olhar e à pena de Paulo: os fenômenos climáticos, as tradições, os hábitos alimentares, crenças e superstições, o dia a dia da faina, das suas figuras mais típicas, das histórias e estórias mais pitorescas. Parecia até que Cascudo, Vivi (nosso inesquecível Verissimo de Melo) e Oswaldo desciam seus fluidos sobre ele. Não foi sem razão que ainda recentemente foi convocado para Coordenar a Mesa Redonda “Etnomedicina: saberes sobre a cura”, que foi um dos pontos altos do Simpósio “Ciência e Povo”.

A leitura dos livros de Paulo nos conduz a um mundo ao mesmo tempo real e mágico. Quem já tinha conhecimento pela vivência se retempera e se revigora em lembranças. Os que ainda não tinham noção se deliciam com a descrição sincera, ame-

na, impregnada de emoção e por vezes ternura do dia a dia da região. Lá estão retratados todos os aspectos da vida sertaneja: a paisagem, a vegetação, os hábitos, as crenças e superstições, os acontecimentos, trajes e utensílios, os personagens e seu dia a dia de fidelidade total às raízes. A leitura fascinante nos parece trazer a visão e a vivência do sertão no que tem de mais puro. Imaginamos estar vendo o mandacaru florando e a asa branca batendo asas e voando, do velho Luiz Gonzaga. O ribombar dos trovões ecoando pelas serras, o clarão dos relâmpagos anunciando a chegada das chuvas, que ensejavam o cheiro da terra molhada, os aboios, o galo que anuncia o raiar do dia, o chilrear matutino dos pássaros, o mugido do gado retornando aos currais, tudo passa pelo crivo do seridoense encantado com sua terra e é posto de modo agradável, quase coloquial, em expressão linguística simples e bem cuidada, estabelecendo de imediato uma intimidade cúmplice com o leitor.

Os escritos de Paulo seguem o diapasão de uma Rachel de Queiroz, de José Lins do Rego, de um José Américo de Almeida, de um Graciliano Ramos: são convincentes, verazes, espontâneos, impregnados das ternuras das recordações, deixando fluir sinceridade e emoção a cada trecho. O estilo simples e coloquial faz do leitor um partícipe imediato na vivência sertaneja, tal a limpidez dos textos e a autenticidade que neles transpira. Constituem preciosas lições de antropologia cultural, de folclore, de história e geografia.

Todos estamos seguros de duas coisas: que as edições esgotadas dos livros anteriores estão a merecer uma reedição, e a segunda, é a convicção de que novos fatos e vivências ensejarão mais livros no mesmo azimute.

Paulo Frassinete Bezerra é poeta oculto. Tem uma produção de bom nível que ele guarda a sete chaves, e uma quantidade respeitável de motes e glosas. Ambos caberiam perfeitamente em um volume de poesias, sem prejuízo de sua produção em prosa.

Leitor contumaz manteve o hábito próprio de sua juventude, de decorar poemas, que os sabe às centenas; da mesma

forma, conservando uma coletânea escrita da produção poética que lhe é favorita.

Suas publicações, estudos e interesses o conduziram ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do qual é sócio efetivo.

Profissional respeitadíssimo em sua especialidade, pioneiro do grande salto da mesma em Natal, ao lado do inolvidável amigo José Maciel, pertence à Academia de Medicina do Rio Grande do Norte, onde ocupa a Cadeira nº 24, para qual escolheu como Patrono o Dr. Odilon Guedes da Silva, verdadeiro apóstolo da Medicina de Acari. Foi o primeiro professor da Disciplina de Radiologia na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Teve o mérito, provavelmente pioneiro no Rio Grande do Norte, de ver seu trabalho publicado em livro de renome internacional – o compêndio de Gastroenterologia de Bockus, autor para quem Nicola Caminha, grande amigo e orientador de Paulo, enviou radiografia por ele feita de um singular caso da especialidade.

Esteve presente nas atividades da classe médica, tendo sido Presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio Grande do Norte, atual Associação Médica, no biênio 1968-1969, ocasião na qual fui seu Primeiro Secretário.

O cidadão Paulo Bezerra é homem retilíneo. Caráter excepcional, lealdade absoluta, correção sem reparos são os traços característicos do novo Acadêmico, tudo dentro de uma simplicidade que oculta seus melhores talentos que só são desvendados quando procurados.

Constituiu bela família com Zélia: quatro filhos e sete netos já estão registrados, e peço vênia, com licença de todos, sem diminuir o bem querer por Cassiano, Flávia e Julião, de dizer que eu e Madalena temos o maior carinho e somos muito orgulhosos de nossa querida afilhada, a médica Micaela. O compadrio daí nascente foi apenas um detalhe numa amizade de mais de meio século que nos une, e que só tem se solidificado com o passar do tempo.

Ainda mantendo a fidelidade às suas raízes, como bom menino interiorano, direi que Paulo foi jogador de futebol de boas características, disputou vaquejada, desde os primórdios em que elas exigiam mais dos participantes como também da “pega de boi no mato”, e é um jogador de sinuca bem acima da média, mas, sobretudo um homem de bem, um cidadão íntegro, um amigo de todas as horas.

Meu caro Paulo: seu ingresso na Academia passa a ser mais um marco da presença médica em seu seio, uma tradição desde Januário Cicco, e passando por Onofre Lopes, José Tavares, Luiz Antônio, Mariano Coelho, Peregrino Junior, Raul Fernandes e Grácio Barbalho, aos quais nos juntamos eu próprio, Anchieta Ferreira, Iaperi Araújo e Armando Negreiros.

Paulo Frassinete Bezerra: invocando Oswaldo Lamartine, lhe digo aqui e agora que é extremamente bem-vindo nesta Casa de Cascudo, que se apraz e se enriquece em tê-lo nos seus quadros.

Discurso de posse do Acadêmico Paulo Bezerra

r. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Diógenes da Cunha Lima. Demais pessoas gradas que compõem a Mesa dos trabalhos desta noite. Acadêmicos e acadêmicas. Meus familiares. Meus amigos.

Aqui eu estou um tanto embaraçado (verdade que eu não nego!), mas é da minha obrigação estar aqui.

Antes, porém, agradeço a benevolência das palavras de Ernani Rosado – no começo um amigo meu, depois colega, depois compadre. Obrigado.

A cadeira número doze desta Academia tem como patrono o seridoense de Jardim de Piranhas, Amaro Cavalcanti, que saiu de lá para ser caixeiro de loja, depois professor de Latim, vice-governador, senador, diplomata, membro da Corte de Haia, ministro da Justiça, do Supremo Tribunal Federal e da Fazenda e prefeito do Distrito Federal tendo sido, paralelamente, grande cultor do Direito Público.

Seu primeiro ocupante foi Juvenal Lamartine de Faria, nascido em Serra Negra do Norte, agricultor e criador, seridoense de fibra longa mesminho o algodão mocó. Formado em Direito no Recife, orador da turma, foi representante da Justiça em Acari e depois político, ocupando o cargo de senador e presidente do Estado, tido e havido como um estadista do seu tempo.

Veríssimo de Melo, professor universitário, homem das letras e folclorista consagrado, foi seu substituto nesta Casa.

Depois de muito se negar, na cadeira que fora de seu pai e de Veríssimo de Melo, sentou-se Oswaldo Lamartine de Faria,

festejado como o maior conhecedor do sertão consoante os depoimentos do Padre João Medeiros Filho, Vicente Serejo, Diógenes da Cunha Lima, Pery Lamartine, Abmael Silva, Edgar Montenegro e Woden Madruga, além dos de muitos outros, tanto daqui quanto de lá de fora, feito a cearense Rachel de Queirós e o paraibano Ariano Suassuna seu parente. A todos, portanto – Oswaldo, Veríssimo, Juvenal e Amaro – a nossa gratidão pelo tanto que fizeram.

Então, vou falar dele como entendo que devo.

Nossos laços vêm de longe, de quando eu sabia da sua existência, mas ele não sabia da minha.

Desasnado em Acari na escola de Porfíria Aleijada, andei fuçando noutros bancos escolares em busca do saber, até esbarrar nos da Faculdade de Medicina do Derby e dali, em curso de especialização, na Pontifícia Universidade Católica, com aprendizado no Hospital dos Servidores do Estado. Enquanto isso, ele estava, segundo o seu dizer, “depositado no Banco do Nordeste”, no Rio de Janeiro.

Num dia de 1961 fui ver o velho José Augusto Bezerra de Medeiros seu primo legítimo, no seu apartamento da Rua Domingos Ferreira, 21, em Copacabana, quando o encontrei pela vez primeira, em carne e osso. Conversavam acerca do Seridó, do seu passado, do seu presente e do seu futuro. A prosa corria franca que nem água em cacimba de areia grossa e eu ali, com as ouças afinadas escutando aquilo tudo, quase calado no meu canto, mode não atrapalhar os homens, preservando o preceito lá de nós de que gente miúda não se mete em conversa de gente grande.

Ficou nisso. No depois, encontros casuais quando de suas férias em Natal quando falamos de sertão e de cangaço e lhe mostrei as minhas anotações sobre o gado malabar, recebendo dele material atinente e sugestões. De outra feita, indagando do que eu lia e do que estava a fazer, sabedor que mantinha com Aurino Araújo Filho correspondência em motes e glosas, fez comigo que nem Cascudo lhe fez: “Primo, vá cuidar da sua terra”.

Tomando o ita de volta foi se amoitar na fazenda Acauã, feito bicho-bruto que pegou bicheira no corpo ferido. Lá fui eu muitas vezes, as sombras encurtadas no chão pegar a comida farta e simples de sertanejo: feijão, farinha, arroz, paçoca de carne seca, galinha caipira torrada, rapadura em taco e frutas por sobremsa... Nunca o vi biqueiro. Refugou quando a sua cozinheira pôs apenas um prato fundo e uma colher das de sopa à mesa, costume do trabalhador do eito.

Num almoço, eu tomava aguardente e ele um cálix de vinho tinto quando, depois de espicharmos o couro dos vazios, debulhou-me as agruras do seu viver, descontente com as passagens trágicas da sua vida.

Aqui acolá se perguntava por que não fora se embrenhar no sertão do Seridó, preferentemente no de Acari, para depois responder a si mesmo que o seu chão- um bem de raiz – era ali nas ribeiras do Camaragibe, não era lá nas vertentes do Acauã. Sentia-se isolado, só destravando a língua quando visitava o amigo Monsenhor Expedito Medeiros, ou quando vinha a Natal, ou se alguma visita lhe chegava, ou nas conversas ao telefone com Natércia Campos. O domingo era, às vezes, na companhia de amigos, na fazenda “Riacho do Cedro” do seu sobrinho Otávio.

Chegou a contar apenas dezoito palavras ditas no correr de um dia...

Ao longo do tempo, por telefone ou em amiudados encontros, especulava das pessoas, da aves, dos bichos, dos invernos, das secas, das abelhas, das burras de sela – objetivo de um trabalho que não fez -, das árvores, das vazantes, das cercas de pedra e dos canários dourados dos quais, em seu palmo de chão, fez um criatório aberto que com a sua ausência, eles, os canários e pássaros outros voaram sem volta, diferentemente das pombas de Raimundo Correia.

Queria saber de como andava o sertão.

Levado tragicamente pela moça Caetana levou também o desejo, tantas vezes manifestado, de fazer uma pesquisa sobre ras-

tejadores. Começamos, eu e ele, ou antes, ele e eu – um mestiço lá das bandas do Séri do - , o trabalho de ampliar o “Dicionário do Criatório Norte-rio-grandense”, pesquisa sem fim, paciente, em busca de palavras e expressões.

Do sertão lhe trouxe sementes de craibeira e mudas de favela.

Insistia para que eu pernoitasse em sua casa para vararmos a noite conversando, até chegar o enfado e o sono. Recebi de suas mãos um guizo de burra-madrinha e um chifre de boi com uma anotação em papel amarelecido pelo tempo.

“Este chifre, com 104cm de comprimento, foi de um boi comprado e engordado por meu tio-avô Cipriano Bezerra Galvão Santa Rosa, (27/out/1857 – 13/fev/1947), irmão do meu avô materno Silvino. Proprietário da fazenda Fortaleza, no Acary (RN), tio Santa Rosa, enquanto viveu, o mantinha pendurado em um brabo da sala da casa grande e nele guardava fumo de rolo. O boi de que foi tirado, era uma rês descida do Piauí, aí pelas eras de 1880, segundo informações do meu primo Jayme Santa Rosa, filho do velho. Este me fez dele depositário. Caso eu venha a falecer primeiro, a ele deve ser devolvido. Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1972”.

Ambos já se foram.

E mais uma colher de prata com o ferro do seu avô – o Cel Silvino Bezerra, um paliteiro com a sua marca de ferrar contendo palitos portugueses, um retrato emoldurado da sua mãe – tia do meu pai, livros e anotações. Dele recebi, sobretudo, uma sólida amizade e deixei a seu pedido, meu nome impresso no baú da sua sala.

Passando lá por casa certo dia deixou um manuscrito:

“Faz. Pinturas, 13 mar 92

Paulo – primo e amigo –

Que todos os que vivem sob essas telhas deixadas por José Sancho tenham a vida farta e sadia como um ano bom de inverno. E que nós, primos seus, continuemos amigos – paralelos como as ripas de aço da casa grande das Pinturas – a mais bonita e original casa de fazenda sertaneja”.

Quando da edição de “ Cartas dos Sertões do Seridó”, levou os originais a Woden Madruga, para este fazer o prefácio. Ao segundo livro deu-lhe o nome – “Outras Cartas...” em bilhete que me mandou com a sua caligrafia imutável feito a noite que se segue ao dia. Meticuloso com o que publicava, cuidando dos mínimos detalhes, censurou quando não puseram na capa do “Dicionário do Criatório Norte-rio-grandense”, o nome de Guilherme Azevedo e o seu próprio, autores do trabalho, e quando do livro “ Em Alpendres d’Acauã”, organizado por Natércia Campos, o último bem-querer da sua vida grafaram o seu nome com um “v” em lugar do “w”. Enamorado, mostrava-se alegre quando ela vinha estar com ele a quem chamei afetivamente de “ Perna de Chalupa”, apelido que sobreviveu entre nós três. Meu primeiro encontro com ela aconteceu em Acari onde eles passaram numa viagem sentimental.

E o que danado vinha a ser aquilo?

Nos outros tempos havia um jogo de cartas denominado marimbo. Nele, a maior carta era a dama do trunfo, depois o dois de paus e, por fim, o às, também, de paus, formando a chalupa. O jogador que trouxesse uma carta daquelas – a doida, o coringa ou basto - , tinha uma perna de chulupa; se duas cartas, duas pernas e se as três, a chulupa inteira. Assim, ele tinha o seu quinhão de terra herdado dos seus pais que seria uma perna; a sua obra-monumento de pesquisa e amor ao sertão, sobretudo o do Seridó, que seria a segunda, quando lhe chegou a terceira, a grande escritora cearense, para alegrar os seus dias de solidão ao pé da serra dos Macacos, ela autora, entre outros escritos, de “A Casa”, um belo romance, onde se encontra consigo mesma, obra agraciada com o Prêmio Osmundo Pontes de Literatura.

Tempos depois, abatido e triste me dava notícias da doença dela até a do seu último alento.

Falava sobre o seu tempo de caserna durante a guerra, de Lavras e dos seus companheiros de “ queimar as pestanas” como Vingt-un Rosado de quem se sentia irmão e tratava com carinho por “ Canguçu”. Com decepção, criticava as entidades culturais

por fazerem “ ouvidos de mercador” à doação dos livros de sua biblioteca. De modo lento e gradativo foi se encurralando dentro de si mesmo semelhando a flor das nove horas – a chanana, que vai se fechando na medida em que o sol se empina.

Abria seu íntimo apenas a alguns amigos.

Desfazer-se da terra onde tinha raízes foi tão doloroso quão se separar dos seus apegos: os livros, retratos, esporas, móveis velhos, ferro de ferrar gado, versos manuscritos de Bandeira e tudo mais juntado carinhosamente no curso de uma vida, despojando-se assim das suas querências. Naquilo, a melancolia lhe turbou o olhar arguto de gavião-pé-de-serra. Conversando sobre o assunto revelou um desejo que não foi cumprido, ao me dizer : “ Passe por lá, arrebanhe o que for do seu agrado e tanja pelas veredas do poente”, a indagar depois se eu já tinha ido, e receber a minha resposta que não. Ao nosso primo Edgar Dantas confiou coisas tais, no cuidado de se fazer bom uso delas, destinando uma parte a Serra Negra do Norte, berço do seu pai.

Desejando fazer uma doação em Acari – berço da sua mãe-, me pediu (e isto era em segredo!), informações do caráter da instituição “ Abrigo dos Idosos”. Dei as melhores, corroboradas depois pelo Ministério Público, mas impôs a mim e a Vicente Serejo a condição de testemunhas. Antes, ao receber o título de Doutor Honoris Causa da Universidade, Woden Madruga, o seu filho Cassiano e eu lhe impusemos as vestes talares. Ao recebê-las sobre os ombros pilheriei: “ Isso arremeda a véstia do vaqueiro” ao que respondeu sem pestanejar: “ Imprense o boi que eu derrubo”.

Enfado da vida ansiava morrer.

Muitos iam, mas a Moça Caetana esquecera dele – “lixo de hospital, respirando o oxigênio dos outros” no seu dizer amargurado. “Durando” ou “a mesma porcaria” eram respostas ao ser inquirido como estava e nisso havia um grito de inconformismo. Ainda no hospital me cochichou: “ Traga-me uma arma de fogo”.

Certa feita, já no apartamento da Praça Pedro Velho, levantou a camiseta que tinha o retrato do seu pai com dizeres alusivos

à cavalgada de Serra Negra a Natal, fazendo o percurso que os homens daqueles tempos faziam – uma ideia de Marcos Lopes -, apontou com o dedo descarnado para o peito magro dizendo: “É aqui!” E com a mão fez um gesto de quem diz : “Espere!”

Mas eu não acreditava naquele desígnio.

Para a tragédia havia um punho de rede, a altura do seu andar, mas também havia uma arma por ele mesmo trazida de Acauá, da qual ninguém dava notícia.

Magro, muito magro, caçoei dele indagando adonde andavam suas carnes e ele, com a ligeireza de um raio: “ As carnes que eu tenho no corpo um sabiá tem nas canelas”.

Dizia que plantar uma árvore era um gesto de orar.

Descobrimos que as rezas ensinadas por sua mãe, eram as mesmas que a minha ensinara. Guerra Junqueiro traçou em alexandrinos em “ A Velhice do Padre Eterno”, a visão que restou de uma mãe ensinando o filho a rezar.

**“Minha mãe, minha mãe! Ai que saudade imensa,
Do tempo em que ajoelhava, orando , ao pé de ti.
Caía mansa a noite; (...)”**

Não quis vê-lo varado por uma bala que lhe atravessou o peito, recostado no espelho da cama onde sentava para nossas conversas, mas o vi passar numa tipóia para o ITEP, a arma levada num saco plástico. Derna de então tenho pelejado para apagar da minha memória a cena que os meus olhos viram.

Quando menos anuviado deitado numa rede, a conversa rolava na varanda.

Olavo de Medeiros Filho me disse, certa vez, estar pronto para me favorecer com o seu voto em eleição desta Academia. Espantei-me derna que nunca cuidei dessa pretensão até por não enxergar em mim a encadernação de acadêmico.

Já era ele, por aí, catando apoio...

Que me queria na sua cadeira desembuchou com clareza,

para o Seridó não perder o seu espaço e porque o meu dizer, embora com abordagem diferente, era sobre o seu sertão – o nosso sertão-de-nunca-mais-, para usar a expressão cunhada por ele, Vexava-se, na suposição de durar muito. Passou-me às mãos uma carta endereçada a Vingt-un Rosado onde dizia: “Canguçu, a sua bancada está completa. Quero Paulo Bezerra na minha vaga”.

Nas minhas andanças em sua casa levei Filipe, um neto meu. Conversaram. Ao menino se afeiçãoou de tal modo que me indagava dele, dos seus estudos, a lhe mandar abraços e lembranças. Aquilo o enternecia.

Gasparina Gomes, fiel guardiã, cuidara do café que eu lhe serviria naquela tarde-noite, pois a mesma carecia de sair cedo para a escola. Mastigava com lentidão uma fatia de bolo para empapá-la e depois sorver o café-com-leite, na esperança de não se engasgar, sequela da cirurgia que o atormentava. Engasgado e tossindo, a voz sumida, comia pela barriga, que nem plaina de marceneiro, uma comida que não lhe cobria os ossos. Tudo era desalento.

Deixando a sua casa o dia havia morrido.

A visita à casa-grande-da-fazenda Lagoa Nova aonde há muito não pisava, foi um desastre. De lá voltou judiado. O “Diário de Natal”, na sexta-feira, 30 de março de 2007, em página inteira, condensou tudo num só retrato. De um passado já distante e que ajudou a escrever, encontrou somente sombras, no reavivar da sua memória, feito uma fita de cinema das coisas acontecidas. Nem mais o burburinho das noites de São João, das festas do Natal, da feira livre; nem o chocalho tocando solto no pescoço do gado, nem a burra-de-sela na qual seu pai, já cego, montava para correger a fazenda; nem os legumes produzidos, nem a safra de algodão apanhada, nem o canto dos passarinhos, nem o paiol de armas, nem o latir do cachorro-sentinela, nem as suas conversas de alpendre a especular dos outros, nem Isadora, nem nada ! Só as aranhas tecendo a sua teia e aquele vazio imenso...

Tudo estava morto.

Com passos miúdos, como se caminhasse para um abismo que se abria aos seus pés, pisou o assoalho sujo vendo portais sem porta, nomes e desenhos rabiscados a carvão no reboco encardido e, pela telha-vã esburacada, feixes coados da luz do sol esbarrando obliquamente nas paredes.

Casa sem fala, sem armador a ranger, sem calor, sem vida.

Imagino que, com a sua memória prodigiosa, tenha repassado os versos de Augusto dos Anjos em “Gemidos de Arte” ao visitar a casa do finado Tôca, aquele homem que carregava cana para o Engenho.

*“As lagartixas dos esconderijos
Estão olhando aquelas coisas mortas”.*

Acho oportuno lembrar aqui o soneto de Luís Guimarães Junior intitulado “Visita à casa paterna” que, naquele dia, ecoou nas entranhas do inditoso homem que nem um gemido surdo, que nem um choro amargo:

**“Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno,
Eu quis também rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo:**

**Entrei. Um Gênio carinhoso e amigo,
O fantasma talvez do amor materno,
Tomou-me as mãos – olhou-me, grave e terno,
E, passo a passo, caminhou comigo.**

**Era esta a sala... (Oh! se me lembro! e quanto!)
Em que da luz noturna à claridade,
Minhas irmãs e minha mãe... O pranto**

**Jorrou-me em ondas...Resistir quem há-de ?
Uma ilusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade.”**

Está bem visto que os nossos laços tiveram, no tempo, duas

fases distintas: a primeira, de quando morando no Rio vinha de férias e a segunda, desde que retornando de mala e cuia, viveu entre Natal e Acauã. Esse espaço, no entanto, foi demarcado por um trágico limite: o antes e o depois da cirurgia que não lhe trouxe um só benefício.

A queda que o deixou a se debater no chão, a barra ainda não havia nem quebrado, foi um sinal de mau agouro.

A sua morte se deu menos pela solidão à qual já estava afeito e mais pela desventura das sequelas que não tiveram fim, mas muito mais ainda, vejam bem, pela antevisão do seu confinamento a um leito, sentindo-se um peso morto, pesado a todas as pessoas.

Meus senhores e minhas senhoras:

Eis –me aqui no apogeu do que jamais busquei, mas que deixa no ar um cheiro de herança.

Carrego a culpa de ter feito as cartas que são parcelas de mim mesmo. A Woden Madruga cabe o pecado de tê-las publicado. E a ele que, pelo seu empenho, foi responsável maior por tudo isso, humildemente agradeço, tomando por testemunha a amizade que fizemos – fixe quem nem miolo de aroeira.

De outra parte sou agradecido a quantos me apoiaram.

Assim alinharei o quanto pude esta “coberta de taco” com retalhos das minhas lembranças onde contei do nosso convívio, coisas simples como foram as do seu viver, ele que nunca buscou aplausos, nem louvação, nem fogo de vista, nem foguetão subindo, nem banda de música tocando, mas antes a quietude dos humildes, dos desprovidos de vaidade, a conter a grandeza dos seus conhecimentos, de tudo se esquivando.

Deus tenha o bom amigo na mansão dos justos.

Agora sim, depois disso tudo, eu me calo.

Discurso de posse na Academia Norte-rio-grandense de Letras. 4 de dezembro de 2008.

Necrológios

Enélio Lima Petrovich

Jurandyr Navarro

Filho da terra de Miguelinho, conhecido ficou por toda esfera cultural. Deixou-nos dias passados o ilustrado conterrâneo. A sua ausência é notada e sentida, revelada pela dor familiar e a saudade da confraria que o cercava.

Encheu o espaço temporal da existência com a plenitude da realização de seus propósitos, constituindo família, instruindo e educando descendentes.

Na lida da vida civil porfiou em duas frentes: - na profissão liberal de Advogado, especificamente, na especialidade previdenciária, perto de longos quarenta anos. Nesta atuação adquiriu celebridade profissional, estabelecendo-se em Natal e Salvador, a fim de equacionar interesses múltiplos de inúmeros constituintes que o fizeram patrono de suas causas.

Pari passu a esse labor de ordem profissional, com o passar dos anos tomava vulto o seu interesse pela cultura, segmento operativo ao qual dedicou o restante da sua atribulada existência terrena.

Elas, a Advocacia e a Cultura, as suas apaixonadas amantes espirituais.

Nesse aspecto imitou o escritor eslavo Tchekhov, que dividiu a vida entre a Medicina e a Literatura.

Dizia ele: “Fico satisfeito quando me dou conta de que tenho duas profissões, não uma. A medicina é minha esposa legal, a literatura a minha amante. Quando canso de uma passo a noite com a outra. Pode não ser uma situação habitual, mas evita a monotonia; ademais, nenhuma delas sai perdendo com minha infi-

delidade. Se não tivesse a minha atividade médica, dificilmente poderia consagrar à literatura minha liberdade de espírito e meus pensamentos perdidos”.

Na sua atividade intelectual, voltada para as Letras e, notadamente, para a História, Enélio deveu à influência exercida pelo tio-avô, Nestor dos Santos Lima, elogiado educador e historiador consagrado, que o antecedeu na Presidência do Instituto Histórico e Geográfico, dirigindo-o durante o período de 1927 a 1959.

O exemplo foi seguido pelo sobrinho-neto, imitando-o, outrossim, na direção vitalícia da vetusta instituição – a Casa da Memória, dístico da autoria de Luis da Câmara Cascudo.

Eleito, assumiu aos 25 de agosto de 1963, Enélio Petrovich presidiu o Instituto durante 48 anos, 4 meses e 12 dias. Quase meio século, numa atividade dinâmica pela cultura histórica. Essa permanência de labor profícuo foi, sem dúvida, o principal marco da sua lida intelectual.

Pertenceu, também, aos quadros de outras instituições da gleba potiguar, enumerando-se, algumas delas: Academia Norte-Rio-Grandense de Letras; Academia de Letras Jurídicas do Rio Grande do Norte; Fundação Cultural “Padre João Maria”; União Brasileira de Escritores; Conselho Estadual de Cultura, tendo sido associado de outras entidades de âmbito nacional, na condição de Sócio Correspondente.

Faleceu aos 6 de janeiro deste ano, dia consagrado aos Reis Magos.

Em vida, foi agraciado com Medalhas e Comendas, a ele tributadas por corporações civis e militares, em reconhecimento ao seu desempenho intelectual.

A memória do ilustrado historiador não ficou órfã com sua morte, em virtude das obras deixadas à posteridade, quando as gerações moças poderão compulsá-las, avaliando seu valor.

São escritos biográficos insertos em livros, contendo dados narrativos de viagens, ensaios, compilação de artigos de jornais, textos de palestras, discursos, saudações, prefácios e outros.

À época de estudante de Direito, na saudosa Faculdade da Ribeira, em trabalho na sala de aula, teceu considerações sobre episódicos estudos penais relacionados com a doutrina psicanalítica de Freud, tendo recebido, posteriormente, elogio do criminalista famoso daqueles dias, Nelson Hungria.

Na idade madura colaborou em jornais de nossa Cidade e, durante anos, assinou uma coluna no matutino “Tribuna do Norte”, intitulada “A Previdência Social em Dia”, abordando matéria relacionada aos interesses de aposentados e pensionistas.

Dotado de espírito curioso, empreendeu muitas viagens através o Brasil e Exterior, interessado em manter contato com outras culturas, no afã de mais se ilustrar.

Tinha espírito social, dividindo entre a família e amigos as noites festivas.

Pertenceu ao Lions Club Norte, agremiação social que pela soberana vontade de seus associados, em certa data, fizeram-no numa de suas votações, seu Governador.

Embora exibisse temperamento difícil, proveniente de herança familiar, denunciado em raros momentos circunstanciais, geralmente se apresentava afável nas conversações, elegendo a política diplomática do bem-querer, brindando a vida com a alegria de uma alma toda voltada para boas causas.

A recordação gravou alguns títulos de palestras por ele proferidas: “Surgimento e Dinâmica do Direito Previdenciário”; “Sigmund Freud – sua Ciência e a Sociedade atual”; “Ordem, Saúde e Justiça”.

Em relação à performance dos intelectuais do Rio Grande do Norte, elogiava a tenacidade de Manuel Rodrigues de Melo, em prol da Cultura; a eloquência de Luís da Câmara Cascudo; a inteligência de Nilo Pereira e a genialidade de Oriano de Almeida.

A lembrança do seu nome perpetuada ficará pelo realizado na órbita superior das coisas do pensamento.

Uma das Salas do Memorial “Oriano de Almeida”, anexo do Instituto Histórico, ficou reservada à sua memória.

(O presente Necrológio foi proferido em sessões especiais do Conselho Estadual de Cultura, das Academias de Letras Jurídicas e Norte-Rio-Grandense e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, instituições que o ilustre intelectual fazia parte, em Natal, durante o primeiro semestre de 2012.)

Pedro Vicente, uma saudade

Anna Maria Cascudo Barreto

“Saudade é a Presença da Ausência”

Alceu Amoroso Lima, (Tristão de Athayde)

“Todos nascemos com uma Missão. Curta ou Longa a vida, ele teve um objetivo, uma razão.”

Luís da Câmara Cascudo

“Um amigo é uma alma em dois corações”

Aristóteles

“Um amigo sincero durante a vida é muito; dois é demais e três quase impossíveis. A amizade exige certo paralelismo de ideias; uma igualdade de objetivos.”

Brooke Adams, A Educação.

Bento XVI, na Encíclica “Deus Caritas Est”, Deus é amor, se refere às três palavras gregas relacionadas com o amor – Eros, philia e ágape. Quanto ao amor de amizade, philia, este é retomado com um significado profundo no Evangelho de São João para exprimir a relação emocional entre Jesus e seus discípulos.

Sinto-me assim, falando do convívio afetuoso e constante, de mais de trinta anos, com Pedro Vicente. Ele está nas mãos do Criador e sempre se quedará vivo em nossas lembranças.

Nascido em Macau, cidadão natalense e acreano, era um apaixonado pela natureza. Amava sua terra, a cidade do Natal, o Nordeste e o Amazonas. Era também um enamorado pela palavra escrita e pela leitura. Foi Diretor de Editora Universitária, escritor, manteve uma livraria no Rio Branco, organizou uma Bienal do Livro, foi Diretor do SESC e grande incentivador da leitura, proprietário de sebo, membro da Comissão de Sindicância e responsável pela editoração da revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Conheci-o por intermédio do meu pai, Luis da Câmara Cascudo, cujos livros publicou, e era um divulgador da sua obra. Depois, Camilo Barreto, meu saudoso marido e eu, gozamos da sua confiança e intimidade, dele, de Socorro e de Mariana, sem esquecer Tatiana. Jantamos e almoçamos reunidos vezes sem conta; ele fazia pratos da culinária goianense para nosso deleite; trocávamos livros e experiências. Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN diversas vezes fui convidada a proceder a conferências para os seus alunos. Residente no Acre telefonava-me semanalmente e quando seus colegas visitavam Natal nos encarregavam de mostrar seus pontos históricos. Pela corrente do bem, suas querências se tornavam nossas, também...

Escritor de sociologia e política, seus livros foram “Capital e Trabalho na Amazônia Ocidental”, “Exercícios circunstanciais”, “A desintegração do comunismo soviético”, “Outras circunstâncias”, “Vozes do Nordeste”, “Comunicação Alternativa e movimentos sociais na Amazônia Ocidental”. Éramos confreiros no Instituto Histórico e Geográfico do RN, na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, na União Brasileira de Escritores e no Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte. Reunidos estivemos em São Paulo, por ocasião da Semana da Gastronomia Câmara Cascudo, homenagem do SESC à Luís da Câmara Cascudo. Ele fez um depoimento sobre culinária e meu pai, eloquidíssimo e de alto nível.

O universo do átomo para medir o tempo necessita relógios atômicos, precisão de frequência de luz e sinal eletrônico. Vivemos no agora, mas não podemos esquecer o acontecido, o efeito trimensional do primeiro dia, da criação do espaço, do big bang.

Se no próprio eco, a precisão é relativa, nosso passado é hoje. A missão acadêmica e dos Conselhos de Cultura é, dentre outras, rever letras e traze-las à vida atual.

Somos navegantes da lembrança, naufragos da alquimia dos encontros. Quando afirmamos ser imortais, referimo-nos à obra, revivida quando da posse, atualizada constantemente pelos

eventos culturais, graças ao ritual que nos caracteriza e unge, desde os primórdios na Grécia e ao exemplo da Academia Francesa.

Pedro Vicente era discreto. Comunista por convicção, um diplomata nas suas ações.

Sua existência foi pautada pelo desejo de servir à comunidade e de perpetuar os valores culturais. No Instituto Histórico e Geográfico e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - para citar apenas duas entidades – buscou editar livros e preservar documentos que se extraviariam, se não fosse sua dedicação e extremo cuidado.

Uma vez ligou-nos do Acre para comentar o prazer que reencontrara na leitura dos sermões do Padre Antônio Vieira. Era assim, um deslumbrado permanente pela alegria dos livros. Estimulava constantemente novos autores, colaborando com seu esforço anônimo para divulgá-los.

Assim, não nos deteremos mais a analisar o muito do nosso afeto e admiração, que sabemos foi recíproco, pelo inesquecível Pedro Vicente.

Deixaremos apenas, nesse instante coletivo de lembrança, a certeza de que, na terra dos desencontros, alcançaremos a esquina da saudade.

Ele não será esquecido. Sua personagem retornará à vida pelo milagre da renovação. Debatendo seus escritos lembraremos sua importância para a nossa história.

Natal, novembro de 2013.

(Missa na Igreja de São Judas Tadeu, em 11-9, sete dias do seu encantamento, e no Conselho de Cultura do Estado do RN, em 17 de setembro, sessão em sua homenagem, e Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, novembro, 2013)

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

PATRONOS E ACADÊMICOS

Situação em Dezembro de 2013

| Cadeira | Patrono | Primeiro Ocupante | Sucessores |
|----------------|-----------------------|--------------------------|--|
| 1 | Padre Miguelinho | Adaudo da Câmara | Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano |
| 2 | Nísia Floresta | Henrique Castriciano | Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado |
| 3 | Cons. Brito Guerra | Otto Guerra | José de Anchieta Ferreira |
| 4 | Lourival Açucena | Virgílio Trindade | Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves |
| 5 | Moreira Brandão | Edgar Barbosa | Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Junior |
| 6 | Luís Carlos Wanderley | Carolina Wanderley | Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral |
| 7 | Ferreira Nobre | Antonio Soares | Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima |
| 8 | Isabel Gondim | Matias Maciel | Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota (eleito) |
| 9 | Almino Afonso | Nestor Lima | Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas |
| 10 | Elias Souto | Bruno Pereira | Paulo Macêdo |
| 11 | Padre João Maria | Januario Cicco | Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo |
| 12 | Amaro Cavalcante | Juvenal Lamartine | Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra |
| 13 | Luís Fernandes | Luís da Câmara Cascudo | Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto |
| 14 | Joaquim Fagundes | Antônio Fagundes | Raul Fernandes, Armando Negreiros |
| 15 | Pedro Velho | Sebastião Fernandes | Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto. |
| 16 | Segundo Wanderley | Francisco Palma | Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes. |
| 17 | Ribeiro Dantas | Dioclécio Duarte | Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade |
| 18 | Augusto Severo | Waldemar de Almeida | D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho |
| 19 | Ferreira Itajubá | Clementino Câmara | Nilo Pereira, Murilo Melo Filho. |
| 20 | Auta de Souza | Palmira Wanderley | Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho. |

| | | | |
|----|------------------------|----------------------------------|--|
| 21 | Antônio Marinho | Floriano Cavalcanti | Luiz Rabelo, Valério Mesquita. |
| 22 | Côn. Leão Fernandes | Côn, Luís Monte | D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário Medeiros. |
| 23 | Antônio Glicério | Bezerra Júnior | Othoniel Meneses, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo |
| 24 | Gothardo Neto | Francisco Ivo Cavalcante | Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Ferreira |
| 25 | Ponciano Barbosa | Aderbal de França | Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo |
| 26 | Manoel Dantas | José Augusto Bezerra de Medeiros | Diógenes da Cunha Lima |
| 27 | Aurélio Pinheiro | Américo de Oliveira Costa | Vicente Serejo |
| 28 | Padre João Manoel | Paulo Viveiros | Jurandyr Navarro |
| 29 | Armando Scabra | Esmeralda Siqueira | Itamar de Souza |
| 30 | Mons. Augusto Franklin | Manoel Rodrigues de Melo | Aluízio Azevedo, Diva Cunha. |
| 31 | Padre Brito Guerra | José Melquíades | Pedro Vicente Costa Sobrinho |
| 32 | Francisco Fausto | Tércio Rosado | João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado. |
| 33 | Tonheca Dantas | Oswaldo de Souza | Hypérides (Peri) Lamartine |
| 34 | José da Penha | Alvamar Furtado | Lenine Pinto. |
| 35 | Juvenal Antunes | Edinor Avelino | Gilberto Avelino, Ticiano Duarte. |
| 36 | Benício Filho | João Medeiros Filho | Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado. |
| 37 | Jorge Fernandes | Newton Navarro | Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes |
| 38 | Luís Antônio | José Tavares | Vingt-Un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes. |
| 39 | Damasceno Bezerra | Raimundo Nonato Fernandes | Marcelo Navarro Ribeiro Dantas (eleito). |
| 40 | Afonso Bezerra | Sanderson Negreiros | |

Offset[®]
EDITORA

Esta Revista foi impressa em cartão Duo Design 250g. (capa) e Luxcream 80g. (miolo) pela Offset Editora, Natal/RN, em fevereiro/março de 2014.